

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

DEISE LISIANE SOARES LUIZ

**MEMÓRIAS E APAGAMENTOS DA TRAJETÓRIA DE OXUM: UMA SURDA NEGRA
EM CAÇAPAVA DO SUL**

Bagé

2023

DEISE LISIANE SOARES LUIZ

**MEMÓRIAS E APAGAMENTOS DA TRAJETÓRIA DE OXUM: UMA SURDA NEGRA
EM CAÇAPAVA DO SUL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra Acadêmica em Ensino.

Orientadora: Dra. Suzana Cavalheiro de Jesus.

Bagé
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L953m Luiz, Deise Lisiane Soares Luiz
Memórias e apagamentos da trajetória de Oxum: uma surda
negra em Caçapava do Sul / Deise Lisiane Soares Luiz Luiz.
101 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2023.
"Orientação: Suzana Cavalheiro de Jesus Jesus".

1. Memória. 2. Surdez. 3. Negritude. 4. Clube Recreativo
Harmonia. 5. Caçapava do Sul. I. Título.

DEISE LISIANE SOARES LUIZ

MEMÓRIAS E APAGAMENTOS DA TRAJETÓRIA DE OXUM: UMA SURDA NEGRA EM CAÇAPAVA DO SUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 18 de setembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Suzana Cavalheiro de Jesus

Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Silvana Aguiar dos Santos

(UFSC)

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/09/2023, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAIUA CARDOSO AL ALAM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/10/2023, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SILVANA AGUIAR DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 04/12/2023, às 21:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1222979** e o código CRC **5D185D24**.

AGRADECIMENTO

Aos meus mais velhos, aos ancestrais, a benção por terem aberto os caminhos que hoje trilho. Que possa sempre a SANKOFA tatuada na pele servir de memória, às origens, ao presente e ao futuro.

Agô, senhores do meu Ori, pelo sustento espiritual, conforto e condução, agô. Epa BaBá!, Ore iê iê ô!, Odoya minha mãe! Entidades de luz e proteção, meu axé. Salve suas forças!

Agradeço aos meus professores por sua orientação, apoio e insights valiosos ao longo desta pesquisa. Suas contribuições foram fundamentais para o sucesso deste estudo.

- Agradeço a Suzana Cavalheiro de Jesus, sua orientação, gentileza, amorosidade e acolhimento me conduziram sempre a busca pelos melhores caminhos.

- Aos meus colegas de mestrado e amigo-s, pelo apoio emocional e troca de ideias ao longo deste percurso acadêmico. Sua presença e incentivo foram fundamentais para o meu crescimento e desenvolvimento.

- Michele Barcelos Corrêa, José Alves Lagôa Junior, sem palavras para expressar a imensa gratidão por ter compartilhado este caminho com vocês. Presente do mestrado para a vida. Amadas minhas Adriana da Silva, Thais Emilia Reder, Tenely Froehlich, gratidão.

- As colegas Tradutoras Intérpretes da Unipampa, colegas de profissão, parceiras de lutas e amigas grata por acreditarem neste trabalho. Um beijo no coração de cada uma. Bruna Todeschini, Eliege Moreira, Mariana Pereira, Taise Gomes Cá.

- À minha família, em especial aos meus pais Ana Benícia Soares Luiz (in memoriam) e Moizes da Silva Luiz, pelo amor incondicional, encorajamento, ensinamentos. Não seria quem sou hoje sem vocês.

- Marizelda Aparecida Soares Luiz, gratidão, axé. Suporte emocional e rede de apoio, comidinhas diversas e palavras de acalanto.

- Julivan Mahl da Rosa (in memoriam), obrigada pela tua existência e por compartilhar os momentos bons e conflitantes desta jornada. Pelos momentos de ausência, pelo apoio nas incertezas e pela sempre crença no resultado final e pelos muitos cafés. Gratidão meu parceiro de vida. Essa escrita é uma produção conjunta que entrego em tua memória.

- Aos amores amigos, muito obrigada pelo carinho e ajudas.

- A minha interlocutora de pesquisa, OXUM, pela confiança depositada em compartilhar

suas memórias, dores e ensinamentos. Obrigada pela sua sempre gentileza e doçura dos seus relatos potentes, por ceder seu tempo e suas vivências, gratidão. Sua contribuição foi essencial para a obtenção dos resultados deste estudo.

- Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para esta pesquisa, seja por meio de sugestões, críticas construtivas ou simplesmente por acreditar no meu potencial e incentivar a conclusão deste trabalho, gratidão. Que eu tenha a sabedoria de ter transformado seu discurso em ação.

RESUMO

A proposição de dar voz as memórias de Oxum, nossa interlocutora que representa a voz de tantos outros surdos negros que ecoa por águas nem sempre calmas, traz nesta terra de Caçapava do Sul, um convite a escuta. De sua trajetória pela educação bilíngue ao caminho de acesso a ela, são colocadas inúmeras faltas, apagamentos e invisibilidades nesse discurso. Um chamamento a discussão implicada sobre as práticas de ensino outrora executadas e as atuais perspectivas em execução na educação de surdos. Interseccionando negritude e surdez pretendeu-se investigar como é significado e constituído esse traço identitário no território negro local e se esse espaço de convivência, cultura, resistência, enfrentamento e educação é também atravessado. Através de uma pesquisa de natureza qualitativa e Estudo de Caso optou-se pelo uso de entrevistas narrativas para a coleta de dados. Para a análise dos dados coletados, a escolha foi por uma perspectiva interpretativa, nos termos de Clifford Geertz (2008). Em um primeiro momento, buscou-se criar o entendimento de quais seriam os territórios negros dentro do território caçapavano e para tal tarefa, trouxemos dados geográficos e históricos sobre a cidade, para então começamos a apresentar os locais onde a cultura afro tem lugar com seus direitos preservados. Nestes espaços, doravante neste trabalho, territórios negros, conhecemos nossa Oxum, personagem central deste estudo, doadora das palavras e afirmações, nas quais, busca-se corroborar que a teoria de que sua trajetória educacional seria a intersecção de vários atravessamentos. E o quanto cada um deles influencia em relação aos outros e ao conjunto em um todo, ou seja, mulher, negra e surda. Na sequência dos estudos, baseando-nos nas leituras do referencial teórico vimos através da análise das entrevistas com a Oxum que muito mais universos colidem, dos que impulsionaram nossa premissa inicial e já foram citados anteriormente, sendo estes ser mulher, negra, mãe, filha, surda, trabalhadora, estudante, o que modificou o nosso pensamento que precisou ser adequado a esta realidade. A análise das entrevistas, de suas respostas, em parte esperadas, demonstrou-nos que o que tínhamos como ideia inicial, não se aplicava em sua totalidade. E que de seus apagamentos nos dá luz a um outro olhar e, para a necessidade de observar outras problemáticas. De seus silenciamentos, as subjetivações que gritam serem “ouvidas” dentro da educação de surdos, as faltas e fragilidades do ensino local, regional ao nível macro. Inconclui-se a partir de suas memórias que a educação e o ensino de surdos, focada em uma perspectiva linguística

monocultural que exclui culturas outras e desconsidera outras experiências e marcadores sociais, pode ser tão opressora quanto os epistemicídios e racismos ostensivos. Dessa forma, a trajetória Oxum pode ser uma inspiração para repensar práticas e políticas educacionais, buscando garantir que todas as vozes e identidades sejam representadas e respeitadas neste processo.

Palavras-Chave: Memória; Surdez; Negritude; Clube Recreativo Harmonia; Caçapava do Sul.

ABSTRACT

The proposition of giving voice to the memories of Oxum, our interlocutor who represents the voice of so many other deaf black people that echoes through waters that are not always calm, brings in this land of Caçapava do Sul, an invitation to listen. From his trajectory through bilingual education to the path to access it, countless absences, erasures and invisibilities are placed in this discourse. A call for discussion about the teaching practices that were previously carried out and the current perspectives implemented in the education of the deaf. Intersecting blackness and deafness, the aim was to investigate how this identity trait is meant and constituted in the local black territory and whether this space of coexistence, culture, resistance, confrontation and education is also crossed. Through qualitative research and a Case Study, it was decided to use narrative interviews to collect data. For the analysis of the collected data, the choice was for an interpretative perspective, in the terms of Clifford Geertz (2008). Initially, we sought to create an understanding of what the black territories would be within the Caçapavano territory and for this task, we brought geographic and historical data about the city, and then we began to present the places where Afro culture takes place with its rights preserved. In these spaces, henceforth in this work, black territories, we meet our Oxum, the central character of this study, donor of the words and statements, in which we seek to corroborate the theory that her educational trajectory would be the intersection of several crossings. And how much each of them influences the others and the group as a whole, that is, women, black and deaf people. Following the studies, based on the readings of the theoretical framework, we saw through the analysis of the interviews with Oxum that many more universes collide, of those that drove our initial premise and were already mentioned previously, these being women, black women, mothers, daughters, deaf, worker, student, which changed our thinking that needed to be adapted to this reality. The analysis of the interviews and their responses, which were partly expected, showed us that what we had as an initial idea did not apply in its entirety. And that from its erasures gives us light to another perspective and to the need to observe other problems. From their silencing, the subjectivities that scream to be “heard” within the education of the deaf, the lacks and weaknesses of local, regional education at the macro level. It can be concluded from their memories that the education and teaching of deaf people, focused on a monocultural linguistic perspective that excludes other

cultures and disregards other experiences and social markers, can be as oppressive as epistemicides and overt racism. In this way, the Oxum trajectory can be an inspiration to rethink educational practices and policies, seeking to ensure that all voices and identities are represented and respected in this process.

Keywords: Memory; Deafness; Blackness; Harmonia Recreational Club; Caçapava do Sul.

LISTA DE SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BPC - Benefício de Prestação Continuada

CAPES - Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

COMPIR - Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Caçapava do Sul

COMUPIR - Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial -

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Quilombolas

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENJS - Encontro Nacional de Jovens Surdos

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBrM - Índice de Funcionalidades Brasileiro Modificado

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

IPHAE - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual

IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MNU - Movimento Negro Unificado

NEABI - Estudos Afro Brasileiro e Indígena

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNS - Pesquisa Nacional de Saúde

POF - Pesquisa de Orçamentos Familiares

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SINAPIR - Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial

SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência ea Cultura

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

UNINTER - Centro Universitário Internacional

UNOPAR - Universidade Pitágoras

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Pontos da presença negra em Caçapava do Sul	46
Figura 2 Museu Lanceiros do Sul	47
Figura 3 Monumento Lanceiros Negros	48
Figura 4 Projeto Monumento Lanceiros Negros	49
Figura 5 Clube Recreativo Harmonia	50
Figura 6 Pórtico Parque Fonte do Mato	51
Figura 7 Bica da Fonte do Mato	52
Figura 8 Bica da Fonte do Mato aproximada	52
Figura 9 Monumento Pipa do Noca	54
Figura 10 CTG Clareira na Mata fachada	55
Figura 11 CTG Clareira na Mata Ponto de Cultura	55
Figura 12 CTG Clareira na Mata vista lateral	56
Figura 13 Localização Quilombo Picada das Vassouras	58
Figura 14 Quilombo Picada das Vassouras	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipo de deficiência por situação do domicílio (3425) – Caçapava do Sul – 2010	66
Tabela 2: Tipo de deficiência por sexo – Amostra (3425) – Caçapava do Sul – 2010	66
Tabela 3: Tipo de deficiência por idade (3425) – Caçapava do Sul – 2010	67
Tabela 4: Pessoas surdas da comunidade, segundo pesquisa informal – Caçapava do Sul - 2017	68
Tabela 5: Deficiência por raça (2112) – Caçapava do Sul – 2000	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Objetivos	23
2 CONCEITOS E REFERENCIAL TEÓRICO	24
3 METODOLOGIA	35
4 CAÇAPAVA DO SUL – O TERRITÓRIO	40
4.1 Território negro caçapavano	45
4.2 Território Negro Surdo em Fronteira	62
4.3 Negros Surdos e Surdos em Caçapava do Sul	64
5 CAMINHOS DE OXUM	70
INCONCLUSÕES	89
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar a escritura desta proposta de pesquisa, volto-me ao ano de 2015, quando após algumas decepções afetivas e adequações profissionais, retorno a minha terra natal, Caçapava do Sul, meu território. Cumpro os desígnios da velha lenda sob a qual, o filho da terra que bebe da água da Fonte do Mato com as mãos em concha, jamais sairá de Caçapava do Sul, ou regressa quando afastado. Bebi, não só de sua água quando ainda era vertente potável, como presenciei parte de seu esplendor. Guardo narrativas vivas de antepassados e memórias de infância. Reinício meu processo de retorno para casa.

Hoje, ressignifico essa volta como um reencontro com minhas raízes e minha ancestralidade. Grande parte do crédito de estar, neste momento, dando início a esta trajetória de pesquisadora deve-se a esta volta. Regresso, não só ao passado, mas a origem daquilo que me integra e me define enquanto ser humano no mundo. Chego aqui ciente daqueles que antes de mim, abriram caminhos. Os reverencio e peço licença a sua sabedoria e ao seu sagrado na figura dos meus mais velhos e a perpetuação de suas histórias e trajetórias na figura dos mais novos.

Trago comigo a ancestralidade que Oliveira (2022) conceitua como a fonte da vida, sabedoria, identidade, pertencimento, criatividade que interliga presente, passado e futuro. O que interliga nossas humanidades¹ e memórias que transcendem espaço e tempo para criar futuros possíveis e propícios. E nesse incessante diálogo entre nossas memórias ancestrais e nossas vivências atuais como nos diz Mendes (2020) redescobrir as identidades individuais e coletivas desfiguradas ao longo da história que nos fizeram duvidar de quem somos.

Para abrir minha intencionalidade de estudo me apresento como uma mulher negra, cis, pobre, sul americana. Neta do Seu Ramão e Dona Assunção por parte de pai, os quais não tive oportunidade de convivência devido ao falecimento de ambos ser ou anterior ao meu nascimento ou em minha tenra idade. Por parte de mãe, neta de Dona Feliciano, de quem herdei o apreço pela

¹ **Humanidades**, como ciências sociais, compreende o relacionamento, o trato, o estudo e o conhecimento da diversidade cultural de povos no tempo ou na história, no meio social contemporâneo e no espaço. Como estudo da cultura, abrange a história, a filosofia, a arte, a política, a antropologia, bem como, a religião, a teologia, a etologia (dos costumes), a etiologia (da origem), a ontologia (do ser), a deontologia (do dever), a teleologia (da finalidade) etc. **Humanidades** é a universidade que temos dentro de nós e que nos capacita, intuitivamente, para ter todos os conhecimentos e capacidades. Por Nelci Rangel (MG) em 22-03-2014. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/humanidades/> acesso em 27 jan.2023.

arte de cozinhar, o prazer em viajar e o respeito e admiração pelo sagrado e culto à espiritualidade. Meu primeiro exemplo de força feminina, abnegação, resiliência.

Não guardo lembranças, nem histórias do avô materno. Neta de coração do Seu Agnelo e Dona Leonor. Que mesmo não tendo laços sanguíneos foram o esteio, amparo e a rede de proteção de minha avó materna, que teve de abdicar da convivência com a filha caçula para poder trabalhar e sustentar os demais filhos e lhes dar um futuro menos limitado. Filha do Seu Moizes (pai e guia terreno, companheiro e mestre de inúmeros ensinamentos) e da Dona Ana, minha referência de amor, afeto e ser humano, aquela que me fez regressar, reencontrar um novo caminho e, logo em seguida, partiu descansada a outra jornada. Está hoje em Aruanda², na parte destinada às mães, de onde logo mais nos encontraremos. Irmã da Zelda pelo sangue e pela fé que nos une, cumpre o papel de orientar e guiar meu Ori e minha caminhada na Nação³ e a não me afastar dos ensinamentos de nossos pais; noiva do Ju, companheiro nesta caminhada e parceiro que a vida trouxe, MAKTUB⁴. Educadora Especial de formação, Tradutora Intérprete de Língua Brasileira de Sinais de escolha. Professora Municipal de Libras. Servidora Técnica Federal na Unipampa campus Caçapava do Sul. Participante da causa negra e da surdez. Ao me apresentar contextualizo as minhas referências, minhas representações e atravessamentos que irão me compor enquanto pessoa e de onde estabeleço e teço reflexões e perspectivas de enfrentamentos.

Busco em SANKOFA, em seu simbolismo, o significado que o adinkra africano enseja: aprender com o passado, conectando-me com minha história e ancestralidade. Retomar, a qualquer tempo os ensinamentos que outrora ficaram esquecidos ou, encobertos, para construir as bases sólidas de um hoje assertivo e, a prospecção de um amanhã promissor, ou ainda como Abdias Nascimento traduz: retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

Este ideograma, que na língua dos povos Akan da África Ocidental é representado por um pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para a cauda, segurando no bico um ovo, ou

² **Aruanda** conceito africano que designa um território espiritual livre de toda negatividade, dores e males, de onde nossos espíritos em paz e perfeição evoluem e se preparam para novas jornadas. Vinha de luz: a rádio de umbanda. Rádio Vinha de Luz. O que significa Aruanda?Onde fica? 22/11/2019. <https://radiovinhadeluz.com.br/noticia/609471/texto-o-que-significa-aruanda-onde-fica> Acesso em 19/04/2024.

³ Nação ou Batuque, religião de matriz africana, cultuado no RS, que juntamente com a Umbanda e a Linha Cruzada formam a tríade das chamadas religiões afro-gaúchas. Speroni, Aline. As religiões afro-gaúchas. Caxias do Sul: Fox Design, 2018.

⁴ Palavra árabe que significa destino, algo que estava predestinado a acontecer, ocorrendo exatamente como foi, pois já estava escrito. Sendo um modo de reafirmar a aceitação do seu destino sem queixas ou resiliência. Disponível em: significadosdepalavras.com/maktub Acesso em 22 jan.2024.

ainda apresenta grafia semelhante a um coração ocidental. Assim como os mais de oitenta adinkras que reúnem uma complexa epistemologia simbólica sobre cultura, história, crenças, valores, Sankofa remete a origem do conhecimento, como nos diz Nascimento (2008) ao retorno e ao resgate dos referenciais africanos históricos, coletivos, suas contribuições universais que ressaltam os modos de ser, de pensar, construir tecnologia, ciência, política, religião, comunicação, escrita, arte, cultura e principalmente a de recuperar a identidade positiva do povo africano e diaspórico, como sujeitos ativos, produtivos e produtores de ricos ensinamentos ao mundo, aos seus descendentes.

Dando visibilidade a forte influência que a matriz africana tem na constituição da cultura brasileira, em seu ethos nacional. Combatendo racismos e a perpetuação de uma imagem distorcida e inferiorizada. Entender e desenvolver os signos da sabedoria africana, como o provérbio sankofa, entre tantos outros, embasa uma disposição antropológica, a de perceber a continuidade das ações de nossos ancestrais, o eterno retorno aos seus saberes (Oliveira, 2008, p.29).

Com esta perspectiva, me volto de SANKOFA⁵ onde estive a conduzir a vida, fortalecida pelo coletivo e pela comunidade, compreendendo que todo projeto de estudo ou pesquisa a ser executado parte da forma como eu construo minha vida, minha carreira e, faz parte de um projeto de sociedade e de qual sociedade ajudou a compor.

Bem como dos elementos que eu estou dando para essa construção. Em entrevista ao evento Desigualdades Educacionais em Foco, promovido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), em 2021, Petronilha Gonçalves e Silva traz a reflexão sobre a importância da educação para as relações étnico raciais juntamente com o delineamento de projetos educacionais que contemplem as diferentes compreensões da vida, das relações entre as pessoas, das diferentes culturas e etnias e da construção de seus projetos de sociedade diversos. Em sua narrativa, a gente vive em um país pluriétnico e multirracial.

Isso significa que, apesar de termos pontos em comum, porque somos uma nação, também temos pontos distintos que têm a ver justamente com a origem étnico-racial. Tendo em minha mente e no meu desejo um projeto de sociedade que não é exclusivamente pessoal, mas que

⁵ Adinkra africano que ensina o conceito de aprender com o passado, reconectando-se com sua história e ancestralidade. Segundo Abdias Nascimento traduz-se em retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro. <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/> Acesso em 22 jan.2024.

representa um grupo ou os grupos da minha comunidade e no qual estou inserida, me sinto autorizada a ingressar formalmente neste espaço de pesquisa. E levo nesta trajetória essa coletividade e pertencimento.

Para mim, indivíduo de matriz africana esse caminho não é trilhado só. Tampouco essa caminhada é rápida, mas pretende ser longa. Parafraseando Altay Veloso em sua ópera *O Alabê de Jerusalém* (2005) Já que você deu licença pra esse nego falar, não duvida da cabeça que tem coroa ou cocar [...] respeita minha Aruanda, tem mais de 5000 anos de existência a minha banda. Ao não ser leviana, como Ogundana⁶, me volto a luta, não me entrego, não me rendo e defendo daqueles que historicamente tem sido negado participação e voz. Ao entrelaçar negritude e surdez, uso dois dos motes que escolhi e ou tornei integrantes essenciais do meu propósito de sociedade mais assertiva.

Trago como tema de pesquisa as memórias e apagamentos de uma surda negra tendo um olhar geográfico e social a partir do meu território, pelo viés da Educação e por sua trajetória em Caçapava do Sul.

O Problema se refere a que memórias são acionadas nos territórios negros e surdos, em Caçapava do Sul, como se constitui e é significado esse território negro surdo caçapavanos através da trajetória de uma mulher negra surda com passagem pelo processos de escolarização bilíngüe para surdos, interseccionados com a educação para as relações étnicas raciais.

Justifico minha proposição ao embasar a temática racial como um dever a ser trabalhado na educação básica, não só atendendo a Lei 10.639/2003 que prevê a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; outro sim atuar na desconstrução de sentenças e paradigmas institucionalizados, de uma forma emancipatória de pensá-la através do direito pelas práticas antirracistas, que nos impulse para produções no sentido de repensar a temática racial e de uma educação antirracista, atravessados pelas propostas curriculares de ensino.

Tenho como foco a desconstrução de paradigmas estruturais do racismo e do preconceito no processo de educação bilíngüe, assim como a necessidade de olhar as memórias e apagamentos da negritude à surdez que emergem deste contexto geográfico e social atravessados pelo viés da educação étnico racial, de forma interseccional tendo a surdez como um segundo traço identitário,

⁶ Personagem principal da ópera *O Alabê de Jerusalém*.

não opositivo, mas complementar aos sujeitos de investigação. Faz-se necessário ampliar o olhar para além da norma.

Como Educadora Especial e Tradutora Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) atuando há 20 anos na área de educação de surdos, percebi avanços nos estudos e publicações na área e ampliação das vertentes investigativas das componentes do ser surdo. Apesar da crescente produção na área, questões como cultura, identidade, pertencimento a um grupo lingüístico minoritário num contexto social hegemônico opressor e limitador, ainda carecem de estudos, fazendo-me pensar o quão longe ainda se está de uma implementação de políticas lingüísticas para surdos. Um olhar sobre a alteridade constitutiva dos surdos com os quais atuei, problematizo mais um elemento desse campo: a negritude. Sabidamente, o autoconhecimento, a ciência das origens e da história pregressa nos proporciona direção, identidade, conhecimento e futuro.

E para conhecer é preciso deixar-se capturar por formas outras de ver o familiar, ouvir o que está para além do que é dito, trazendo à superfície, os discursos não falados, as memórias não narradas, os sujeitos não vistos. Dar protagonismo e nome para que além de ser olhado, tenha significado, existência, identidade. Motivo pelo qual apresento aqui, a minha interlocutora, companheira nesse estudo e não apenas um sujeito de pesquisa, mas uma referência sobre sobre o que significa ser um negro surdo neste território.

Uma mulher que como eu, retorna a sua casa e aqui está a se (re)descobrir, a buscar novas formas de significar os espaços que frequenta, desconstruir paradigmas, discursos e representações, sejam eles a respeito da negritude, seja a respeito da surdez, ou ainda a respeito do que possa significar ser negra e surda num território de histórico tão opressor. Seu nome de batismo, deixarei que apresente e diga como gosta de ser chamada, mas aqui de antemão a agradeço e por referência as águas da Fonte do Mato que nos fizeram voltar e as águas do Atlântico que trouxeram nossos ancestrais, a chamarei de Oxum⁷.

Doce mãe de uma menina de 4 anos, mulher negra, mulher surda, mulher, uma jovem de trinta e cinco anos, filha mais nova do Tio Cida, Mestre da Cultura Popular, Griô⁸ Caçapavano,

⁷ Oxum orixá rainha da água doce, dos rios e cachoeiras. Cultuada nas religiões de matriz afro como candomblé e umbanda. Representa a sabedoria e o poder feminino, sendo associado a ela o dom da fertilidade. Além de ser vista como a deusa do ouro, da prosperidade e do jogo de búzios. Numa perspectiva iorubá a matripotência que não cabe na forma de “bela, recatada e do lar”. (Neto, 2020, p. 12).

⁸ O termo **Griô** é universalizante, porque ele é um abasileiramento do termo **Griot**, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra Creole, ou seja, Crioulo a língua

músico, carnavalesco, liderança negra incansavelmente atuante nas lutas da população negra por espaço, reconhecimento, conquista e manutenção de direitos, atual conselheiro de promoção da igualdade racial do município e figura pública estimada na cidade.

De quem herdou o espírito combativo e a consciência política e social de seu lugar de agente e protagonista das mudanças que deseja e nas causas em que atua, sejam elas surdas, sejam negras. Egressa de escola de surdos concebida e mantida com o propósito de uma educação bilíngue situada em Santa Maria – RS, onde concluiu o ensino médio e escolarização em escolas regulares da cidade Caçapava do Sul, inclusivas e nem tanto. Trabalhadora da indústria do calcário em uma conhecida empresa da localidade, artesã do crochê, hobby e fonte de renda extra. Excelente dançarina afro, habilidade adquirida nos anos em que participou do Grupo de Danças afro Clara Nunes nascido em um dos potentes territórios negros mapeados no capítulo um desse estudo, e um dos territórios do qual mais se insere. Entre tantos outros marcadores e adjetivos que a qualificam, atravessam mas não a definem, deixo aqui um pouquinho da essência dessa que será condutora dessa proposta de pesquisa.

Ao entrecruzar a negritude e a surdez, a partir da trajetória dessa mulher negra surda caçapavana, almejo a oportunidade de construir não só uma educação, mas uma sociedade capaz de contribuir para novas representações, aprendizados e desconstrução de paradigmas racistas, capacitistas, sexistas...

1.1 OBJETIVOS

Objetivo geral: Como Objetivo Geral pretende-se a partir da cartografia dos territórios negros e do protagonismo surdo negro de Caçapava do Sul, registrar memórias da trajetória de Oxum, surda negra, com passagem pela educação bilíngue, interseccionando suas vivências, a construção de um território negro surdo como palco de lutas por igualdade racial oportunidades de transformações sociais e políticas tanto para surdos quanto para negros.

Objetivos Específicos:

- 1) Identificar os territórios negros e a presença de surdos negros de Caçapava do Sul;
- 2) Identificar se marcadores como localidade, gênero, negritude e surdez atuam e influem nas memórias e saberes da interlocutora.
- 3) Retomar memórias do período de escolarização de Oxum, surda negra, interseccionando a presença dos marcadores sociais negritude e surdez e como são discutidos nos processos de construção educacional;
- 4) Identificar se marcadores como localidade, gênero, negritude e surdez atuam e influem nas memórias e saberes da interlocutora.

2 CONCEITOS E REFERENCIAL TEÓRICO

Para a efetivação desse trabalho, busquei aporte nos conceitos teóricos de surdez como diferença lingüística e cultural, proposto por autores como Carlos Skliar; estudos surdos em Paddy Ladd; identidades surdas contidas em Gladis Perlin; cultura surda na visão de Nídia Limeira de Sá; educação para as relações étnico raciais, à luz de autores como Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga; negritude como conceito de luta e resistência a partir de estudos de Milton Santos e do Movimento Negro Unificado; negritude como traço duplamente identitário surdo, a luz de teóricos como Rita Simone Silveira Furtado e de líderes do movimento surdo negro como Edinho Santos, Priscilla Leonnor Alencar Ferreira e Rodrigo Pereira.

O conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw como uma ferramenta política de enfrentamento das desigualdades. A interseccionalidade da negritude à surdez dos estudos de Francisco Buzar. O conceito de Epistemicídio de Boaventura de Souza Santos segundo Aparecida Sueli Carneiro que discute o lugar que a educação ocupa na reprodução/ manutenção de saberes, poderes, subjetividades e de todos os "cídios" que o dispositivo racialidade/biopoder produz no Brasil. Estas são as autoras/autores e conceitos que pretendo abordar no desenvolvimento desta investigação, e demais autores acrescentados em decorrência de aproximações e afastamentos durante os estudos.

O estudo de Carlos Skliar, intitulado "Surdez como diferença lingüística", desenvolvido em 1998, considerado referência na área, aborda a perspectiva da surdez como uma diferença lingüística e cultural, uma experiência de mundo e uma forma de existência que difere da norma auditiva predominante, enfatizando a importância da Língua de Sinais como uma língua natural, legítima e reconhecendo a diversidade lingüística e cultural da comunidade surda. Deste então essa visão tem sido fundamental na promoção de políticas e na luta pelos direitos lingüísticos e culturais da comunidade surda, reconhecendo a surdez como uma identidade cultural e lingüística que merece ser valorizada e respeitada.

Paddy Ladd, pesquisador surdo do Reino Unido, que contribuiu significativamente para os estudos surdos e para a divulgação da cultura e identidade surdas. Em seu livro "*Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*" ("Entendendo a Cultura Surda: Em Busca da Surdez")

publicado em 2003. Apresenta o conceito de "Deafhood", "Ser Surdo", expressão cunhada para descrever a experiência e a identidade surdas como algo positivo e enriquecedor, em contraposição à visão patológica e deficitária geralmente associada à surdez.

Ladd explora a história, a cultura, a língua e a identidade surdas, analisando os aspectos sociopolíticos, históricos e culturais que moldam a vida das pessoas surdas, contribuindo para o desenvolvimento de uma pedagogia surda mais inclusiva e para a valorização da língua de sinais como uma forma de comunicação legítima. Ele também discute as lutas e conquistas dos movimentos surdos em busca de autonomia, igualdade e inclusão social.

Gládis Perlin (2013) argumenta que a construção das identidades surdas está intrinsecamente ligada à valorização da Língua Brasileira de Sinais, e que há diferentes formas de se ser surdo pois cada indivíduo constrói sua identidade com base em experiências pessoais, vivências sociais e conexões com a comunidade surda.

Portanto a identidade surda não é homogênea, mas sim diversa e multifacetada e atravessada por questões de opressão, discriminação e violência simbólica pela negação da língua ou pela falta de acessibilidade e inclusão em diversas esferas da sociedade. Defende o fortalecimento das identidades surdas, a valorização da cultura e língua de sinais, a ampliação do acesso à educação inclusiva bilíngue, a conscientização da sociedade sobre a surdez e a promoção de políticas públicas que garantam direitos e igualdade de oportunidades para pessoas surdas.

Segundo Nídia Limeira Sá, a cultura surda é compreendida como um conjunto de valores, tradições, formas de comunicação, expressões artísticas e experiências compartilhadas pelas pessoas surdas que utilizam a Libras como principal meio de comunicação. Essa cultura é caracterizada por uma identidade coletiva que se desenvolve a partir das interações e vivências dos surdos em seu meio social, onde a língua de sinais desempenha um papel central na construção dessa identidade surda.

A cultura surda também é marcada pelo compartilhamento de experiências e desafios específicos enfrentados pelos surdos, como a discriminação, a falta de acessibilidade e a valorização da língua e da cultura surda como formas legítimas de expressão.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Nilma Lino Gomes compreendem a educação para as relações étnico-raciais como um campo de conhecimento e prática educativa que busca promover a reflexão, conscientização e valorização da diversidade étnico-racial presente na sociedade

brasileira. Essa perspectiva reconhece a existência de desigualdades sociais, históricas e culturais fundamentadas em relações de poder e privilégio baseadas na raça, e busca desconstruir essas hierarquias.

Para as autoras educação para as relações étnico-raciais visa promover a igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade e o enfrentamento do racismo e de outras formas de discriminação. Ela se baseia em práticas pedagógicas que valorizam as contribuições das diferentes etnias e culturas presentes na sociedade brasileira, buscando romper com a ideia de uma cultura única e hegemônica.

Busca-se fortalecer a identidade e autoestima dos estudantes afrodescendentes, indígenas e de outras etnias historicamente marginalizadas, promovendo o reconhecimento de suas histórias, culturas e experiências. Além disso, a educação para as relações étnico-raciais propõe a formação de uma consciência crítica sobre as desigualdades raciais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Kabengele Munanga, assim como Petronilha Beatriz Gonçalves e Nilma Lino Gomes, também compreende a educação étnico-racial como um campo de conhecimento e prática que visa enfrentar as desigualdades baseadas na raça e promover a valorização da diversidade étnica e racial no contexto brasileiro.

Para Munanga, a educação étnico-racial é caracterizada como uma forma de educação que transcende os preconceitos e estereótipos raciais, buscando promover a igualdade, o respeito e a valorização das diferentes identidades étnicas e raciais presentes na sociedade. Ele enfatiza a importância da educação para a construção de uma consciência crítica em relação ao racismo e à discriminação racial, além de contribuir para o fortalecimento da identidade e autoestima de grupo étnico-raciais.

Ele também ressalta a importância de formar professores capacitados para abordar questões étnico-raciais em sala de aula de forma sensível e inclusiva, fornecendo recursos pedagógicos adequados e promovendo um ambiente escolar livre de preconceitos e discriminação.

Milton Santos, geógrafo e intelectual brasileiro, destaca a importância da negritude como uma forma de despertar a consciência e a afirmação da identidade negra. Para ele, a negritude é uma forma de resistência cultural e política que busca combater o racismo estrutural presente na sociedade, valorizando a cultura, história e contribuições da comunidade negra ao longo dos

tempos. Ele enxerga a negritude como um movimento essencial para a busca da igualdade e da justiça social.

Tanto para Milton Santos quanto para o Movimento Negro Unificado (MNU), o conceito de negritude vai além da valorização racial. Ele busca fortalecer a autoestima, a consciência política e a mobilização das pessoas negras em prol de seus direitos e da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A negritude é entendida como uma afirmação de identidade, de resistência e de luta contra as discriminações e desigualdades raciais.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, uma destacada teórica e ativista legal norte-americana. Crenshaw desenvolveu essa importante perspectiva na década de 1980 ao intuir que a discriminação enfrentada pelas mulheres negras não poderia ser adequadamente compreendida ou combatida por meio de uma análise apenas de gênero ou de raça de forma isolada.

A interseccionalidade, de acordo com Crenshaw, se refere à maneira pela qual diferentes formas de opressão e discriminação, como raça, gênero, classe, sexualidade e deficiência, se interconectam e se sobrepõem, muitas vezes resultando em experiências de opressão e marginalização únicas. A perspectiva interseccional defende que as análises e movimentos sociais devem considerar essas interconexões e a complexidade das experiências individuais e coletivas.

Segundo Crenshaw, o objetivo da interseccionalidade não é apenas descrever diferentes formas de opressão, mas sim entender como esses sistemas se interligam, se reforçam e perpetuam desigualdades. A abordagem interseccional busca romper com a tendência de tratar as categorias de opressão separadamente e reconhecer a interação e a complexidade de suas experiências.

Kimberlé Crenshaw tem sido uma voz importante no ativismo e nos estudos acadêmicos, utilizando a interseccionalidade como uma ferramenta fundamental na luta por justiça e igualdade. Seus trabalhos têm influenciado o feminismo contemporâneo e o ativismo social, destacando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e consciente das interconexões da opressão.

Trago alguns autores que inauguram o campo epistêmico ao analisarem a questão interseccional racial e linguística do negro surdo brasileiro e contribuem para a contínua e necessária pesquisa.

Francisco Jose Roma Buzzar 2012 em *Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negros(as) nos traz situação social vivenciada pelas pessoas surdas negras*

encontra-se marcada por vulnerabilidades específicas e pela discriminação interseccional, experimentadas tanto na A situação social vivenciada pelas pessoas surdas negras encontra-se marcada por vulnerabilidades específicas e pela discriminação interseccional, experimentadas tanto na escola quanto no contexto social em geral.

O presente estudo, inspirado na Teoria da Interseccionalidade e no que esta tem contribuído para a compreensão dos aspectos de gênero da discriminação racial e dos aspectos raciais da discriminação de gênero, parte do entrecruzamento entre raça e surdez, para compreender as circunstâncias concretas da experiência de intersecção vivenciada por surdos(as) negros(as) em São Luís-MA.

Para tanto, utiliza a metodologia qualitativa e o instrumento de pesquisa entrevista semiestruturada, tendo contado com a participação de 30 pessoas surdas. O material obtido foi submetido à análise de discurso crítica e organizado em categorias e subcategorias, tendo como referencial teórico os estudos surdos, os estudos raciais, a educação de surdos e a educação de surdos negros nos Estados Unidos. Os resultados mostraram que as pessoas surdas negras encontram-se fragilizadas devido a uma série de vulnerabilidades específicas, como inacessibilidade linguística, trabalhista e sócio emocional, assim como, devido à sua invisibilidade nas comunidades surdas e negras, como também, nas políticas públicas. Além disso, os relatos comprovam que os mesmos sofrem discriminação interseccional, tanto na escola quanto no contexto social.

Rita Simone Silveira Furtado (2012), em seu estudo *Os Surdos Negros na Contemporaneidade* apresenta questões referentes à “dupla diferença”, tendo, como foco de análise, narrativas de surdos negros e os significados de ser “duplamente diferentes”, pois trazem consigo representações e estereótipos produzidos culturalmente, sendo transmitidas às próximas gerações através da linguagem. Aborda questões relacionadas à diferença, deficiência, concepções de surdez, cultura(s) surda(s), estereótipos e as desigualdades sociais existentes no Brasil entre negros e brancos.

Evidencia que a maioria dos surdos negros entrevistados durante a pesquisa afirma não ter passado por situações em que o preconceito por serem surdos negros foi “escancarado”; no entanto, há aqueles que relatam que já foram discriminados por serem “duplamente diferentes”. Há ainda surdos negros que reconhecem a “dupla diferença”; mas, afirmam que as duas não

formam um todo e não constituem uma unidade. Explicam que a dupla diferença é marcada, que o preconceito ocorre sim, mas é algo que não é explícito e não aparece em um único bloco, por serem surdos negros. Mas em alguns momentos e com algumas pessoas o preconceito ocorre porque são surdos; em outros, porque são negros.

No que se refere à análise dos perfis, não foi possível encontrar nesse Espaço Virtual perfis em que os alunos se autodeclaram negros. Assim, esse é um local que eles se identificam como surdos somente. Possivelmente há surdos negros, mas não é possível encontrá-los através do perfil. Cabe salientar, que praticamente todos iniciam suas apresentações identificando-se como surdos, sem mencionar a questão da negritude.

Joubert Silvestre (2014), em seu estudo *Os entre-lugares: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais* nos traz a construção da identidade do sujeito homossexual, bem como do sujeito surdo, ocorre a partir de distintos campos que se entrecruzam, e a maneira como os indivíduos se percebem e são percebidos como surdos-homossexuais é um fator importante nessa trajetória. Essas identidades e seus marcadores não são apresentados como categorização exclusivamente limitante, ou seja, ser surdo e homossexual é parte do todo que esse sujeito é, e esses marcadores oferecem possibilidades outras para serem pensados de maneira articulada/interseccionada.

Considerando que a pessoa com deficiência geralmente é pensada como um corpo doente, patológico, e por vezes tem sua sexualidade negada, o que pensar quando esse sujeito “doente” tem orientação sexual diferente da heterossexualidade? O sujeito homossexual ainda é estigmatizado por sua orientação sexual, ou pela sua sexualidade “desviante”.

Diante dessa realidade, o que dizer então deste sujeito deficiente-homossexual? Faço uma análise de que maneira marcadores socialmente desvalorizados são articulados no processo de construção identitária de sujeitos surdos-homossexuais. Para pesquisas com tais sujeitos, considero suas narrativas escritas e em Libras, disponíveis na internet, uma importante ferramenta, as quais foram utilizadas juntamente com as entrevistas semiestruturadas, por meio das quais foi possível abordar as relações sociais, vivências, experiências, o ‘mundo empírico’ do entrevistado de modo mais abrangente.

Sandra Cristina Malzinoti Vedoato (2015), seu trabalho teve por objetivo analisar as relações entre surdez e as condições de raça e gênero no processo de escolarização de alunos

surdos no Estado do Paraná. Para tanto, foram utilizados dados demográficos nacional e estadual e os microdados do Censo da Educação Básica de 2013.

Analisamos a relação entre surdez, raça, gênero no que se refere ao acesso à educação básica; ao tipo de escolarização; às etapas de ensino; e ao acesso ao atendimento educacional especializado. Nossas análises indicaram que as condições de acesso e de permanência do aluno surdo na educação básica paranaense são impactadas não só pela condição de surdez, mas também pela cor ou raça e pelo gênero. Os dados oficiais indicam que as condições de escolarização do aluno surdo, homem e branco são mais favoráveis que as da aluna surda, mulher, negra ou parda. Com isso, concluímos que as condições de escolarização da pessoa surda são precárias, mas quando associadas a outras marcas sociais, como gênero e raça, tal precariedade se intensifica.

Priscila Leonor Alencar Ferreira (2018), em seu estudo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o ensino de relações étnico-raciais para negros surdos na educação básica investigou o processo de escolarização de negros surdos na educação básica. Analisando como se deu a inserção de conteúdos referentes à educação das relações étnico-raciais no currículo por meio das narrativas produzidas pelos sujeitos entrevistados. Empregando entrevistas narrativas com cinco sujeitos, todos autodeclarados negros surdos, verificou que a quase totalidade dos entrevistados não teve acesso a conteúdos curriculares que lhes possibilitasse o contato com a educação das relações étnico-raciais. A cultura negra foi silenciada no currículo praticado.

Nos traz a expressão Negro Surdo, uma vez que a sociedade inicialmente olha as pessoas primeiro pela raça e depois pela característica da surdez. Nos aponta que os alunos negros surdos não tem tido acesso aos conhecimentos das relações étnico-raciais, os demais alunos também necessitarão de conhecimento sobre a história afro-brasileira. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais ainda haja uma representação negativas do negro e o negro surdo na escola.

Rhual de Lemos Santos (2019), em Negros/as surdos/as no ensino superior : mapeando cursos de graduação de Letras Libras analisar a ocupação de negros/as surdos/as nos cursos de graduação em Letras Libras, no ensino superior público. Com a aprovação do Decreto 5.626/2005, no ano de 2005, o curso de Letras Libras na modalidade Ead, da Universidade Federal de Santa Catarina foi implantado em polos de instituições de ensino superior pública brasileira.

Como previa a legislação, às vagas do curso de licenciatura em Letras Libras eram destinadas, preferencialmente, a estudantes surdos/as. Essa política resultou em um acréscimo de

705% no ingresso de estudantes surdos/as no ensino superior, em 16 estados brasileiros, fato que provocou a problematização das questões desta pesquisa: a criação do curso de Letras Libras na modalidade a distância, a partir do ano de 2006, contribuiu para o ingresso de estudantes negros/as surdos/as no ensino superior? A ampliação do ingresso de surdos/as no ensino superior resultou na significativa ocupação de negros/as surdos/as nas universidades públicas federais?

Para a discussão de como se constituem as múltiplas identidades desses/as estudantes negros/as surdos/as, adotamos o conceito de interseccionalidade desenvolvido pela pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw, articulando as categorias surdez e raça. A investigação de caráter quantitativo teve como foco o mapeamento de dados de surdos/as e negros/as no ensino superior, com base em microdados do Censo Ensino superior, disponibilizados pelo , sistematizados com o auxílio do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para a organização de tabelas e gráficos. Os dados produzidos foram analisados à luz dos fundamentos dos Estudos Surdos em Educação e da produção teórica do campo das Relações Étnico-Raciais, buscando aproximações teóricas e de agenda política dos movimentos surdos/as e Movimento Negro.

Os resultados sinalizam oscilação regressiva no número de matrículas de estudantes negros/as surdos/as, nos anos iniciais dos cursos de Letras Libras, com número de ingressantes diminuindo ano após ano, até 2013. A partir daí, há aumento progressivo e significativo na ocupação de vagas pela comunidade negra surda que pode ser atribuído à aprovação da Lei de Cotas (12.711/2012), com destinação de vagas para pretos, pardos e indígenas. Na variável "gênero", mulheres negras surdas aparecem com maior percentual de ingresso nos cursos de Letras Libras, seguindo tendência de índices relativos às mulheres negras matriculadas no ensino superior geral. Por outro lado, diferente do que ocorrem nos demais cursos, em que mulheres negras têm destaque em relação aos homens, há um equilíbrio nos resultados de concluintes negros e negras surdos/as.

A pesquisa reafirma a necessidade do olhar multicultural no interior dos movimentos surdo e negro, a partir do aprofundamento de investigações de interseccionalidade entre surdez e categorias como raça, gênero, sexualidade e classe, de modo a desvelar e superar relações de poder e práticas de exclusão nos espaços institucionais ocupados por negros/as surdo/as.

Renata Ferreira Siqueira (2022), o estudo intitulado *Narrativas Sinalizadas de Si: um estudo sobre a trajetória militante de uma mulher negra no movimento surdo do município de Igarapé-Miri, no Pará*, tem como objetivo compreender a história de vida de uma mulher negra surda, de modo a entender, por meio de suas narrativas e dos processos formativos e saberes construídos na militância, como esta mulher constitui sua identidade e ressignificou-se a partir dos entrelaces entre as questões étnicas, questões de gênero e da surdez.

E como objetivos específicos se propõem entender como a mulher negra surda se vê no contexto de sua trajetória e a relação desse processo na construção afirmativa de sua identidade étnico-racial; analisar as imagens e sentidos de ser mulher negra surda construídos no processo de militância e problematizar os processos educativos formadores e os saberes construídos na trajetória de militância da mulher negra surda enquanto possibilidade de empoderamento político construído a partir de atos subversivos de gênero, raça e surdez.

A pesquisa que originou este estudo tomou como aspecto mobilizador a seguinte problemática: como se deu a trajetória de vida da mulher negra surda, militante da comunidade surda, em prol da superação das desigualdades racial, de gênero e de diferença no município de Igarapé Miri/PA? Metodologicamente buscou-se auxílio teórico em estudos de autores que abordam temáticas relacionadas a gênero, raça, surdez, militância, memória, narrativas, os quais destacam-se: Scott (1995), Louro (1997), Guimarães (1999, 2004), Hall (2003), Schwarcz (1933), Skidmore (1976), Skliar (1998, 2010), Goldenberg (1997), Fanon (2008), Brah (2006), Pêcheux (2010), entre outros.

A participante da pesquisa foi selecionada a partir de alguns critérios, tais como: se autodeclarar como negra nas suas relações socioculturais e por apresentar traços em sua trajetória de vida pessoal, social e profissional que caracterizam um perfil de militância com atuação nas questões de gênero, raça e surdez no município de Igarapé-Miri-PA. A investigação está ancorada em uma abordagem qualitativa do tipo História Oral, com o uso, nos seus procedimentos, de entrevistas semiestruturadas on-line, somando-se a isso, esse trabalho utilizou-se da observação participante virtual, esta, por sua vez, deu-se por meio da participação em algumas interações realizadas virtualmente no dia a dia da entrevistada, e também contou com o auxílio de uma oficina de desenhos que tinha como foco a elaboração de desenhos sobre o ser mulher negra surda na militância. Os resultados da pesquisa revelam que a participação da entrevistada no movimento

surdo e no espaço acadêmico possibilitou a mesma se reeducar, modificar seu olhar sobre questões como sexismo, racismo, machismo e surdez, sua postura de mulher negra e surda por meio de um processo positivo de aceitação de sua cor, cabelo crespo/cacheado, língua de sinais, em detrimento dos determinantes sociais.

Outros estudos como :

Pereira e Pereira (2013), em pesquisas realizadas com negros(as) surdos(as) soteropolitanos(as), estudantes da educação básica em uma escola para surdos no cenário baiano, Pereira e Pereira (2013) discutem que o entendimento sobre o significado de racismo não foi observado nos discursos dos(as) discentes. Os pesquisadores aludem tal fato à ausência de debates sistemáticos sobre a temática das relações étnico-raciais com a comunidade escolar surda, bem como a falta de referências de outros modelos culturais, especificamente de culturas negras, e o parco envolvimento de sujeitos negros surdos devido às barreiras linguísticas. O envolvimento sociopolítico do negro surdo é dificultado pelo processo histórico de exclusão, epistemicídio e assujeitamento, que marcam a construção das subjetividades desses corpos atravessados por vias interseccionais de gênero, raça e surdez.

Sandra Regina Leite de Campos e Nanci Araújo Bento (2002), em seu artigo *Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de surdos* traz um recorte teórico de pesquisas desenvolvidas pelas autoras nas áreas e subáreas de estudos surdos, interseccionalidade e ensino para surdos na educação básica. Propõe-se discutir a temática da interseccionalidade relacionada ao campo dos Estudos Surdos na educação básica. O artigo reflete sobre os atravessamentos interseccionais que envolvem a comunidade negra surda, em detrimento dos hiatos epistêmicos, sobretudo a falta de discussão sobre as questões étnico-raciais na educação de surdos. Aporta-se nos referenciais teóricos de Buzar (2012); Pereira e Pereira (2013); Silvestre (2014); Solomon (2018); Ferreira (2018); Santos (2019); Chapple (2021); Brito et al. (2021).

A metodologia fundamenta-se na revisão bibliográfica e no estudo qualitativo-descritivo de pesquisas brasileiras, circunscritas ao período de 2005 a 2021, relacionadas aos temas “interseccionalidade” e “surdez” nos sistemas de informação dos trabalhos acadêmicos das instituições de ensino superior do país, além de análises de artigos e observações empíricas que versam sobre a negritude surda no campo educacional brasileiro. Os dados compilados permitem

evidenciar lacunas epistêmicas e incipientes de pesquisas acadêmicas sobre aspectos interseccionais e multiculturais que vão além de gênero, raça e surdez. Também nos traz em seu estudo uma relação dos primeiros movimentos coletivos surdos para discussão da temática

“1º Encontro Nacional de Jovens Surdos – ENJS”, que ocorreu em São Paulo em 2008 e teve como temática a reflexão sobre a consciência do racismo e a surdez. Esse evento foi o motivador para a realização do “Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo” que teve suas três primeiras edições na cidade de São Paulo nos anos de 2008, 2009 e 2012, com temáticas que partiram da inclusão social do negro surdo à discussão das leis de proteção contra o crime de racismo, o preconceito, a desigualdade social e econômica e o sofrimento dos negros surdos no país. A edição do mesmo congresso ocorreu no ano de 2013 em Salvador, discutindo o empoderamento das lideranças negras surdas, assim como ações para a superação da desigualdade social. As edições subsequentes, no ano de 2015 no Rio de Janeiro e 2017 em Florianópolis, abordaram o despertar para a construção da identidade e o feminismo negro, e as ações afirmativas e os surdos no mercado de trabalho, respectivamente. A edição de 2017 teve uma marca particular por registrar o “II Festival de Arte Afrosurd@”, abrindo espaço para a exposição dos surdos nas diferentes modalidades artísticas (CAMPOS; BENTO, 2022, p.5).

Uma das pesquisas que abordam essa interseção é o livro "Negritude e surdez: a construção da identidade negra nas vivências dos surdos", de Maria Inês Mafra Goulart, publicado em 2016. O livro analisa a relação entre a identidade étnica e a surdez em indivíduos negros e examina como a interseccionalidade afeta suas vivências e a construção de suas identidades.

Outro estudo importante é o artigo *A experiência do povo negro surdo em Salvador-BA: negritude, racismo e língua de sinais brasileira*, de Jaqueline da Fonseca Cardoso e Simone Santos Oliveira, publicado em 2018. O artigo investiga como a negritude influencia as vivências e a identidade das pessoas surdas negras em Salvador, Bahia, considerando fatores como racismo, língua de sinais brasileira e inclusão educacional.

3 METODOLOGIA

A Metodologia empregada é de natureza Qualitativa, através de Estudo de Caso e no uso de entrevistas narrativas para a coleta de dados e para a análise dos dados coletados, uma perspectiva interpretativa, nos termos de Clifford Geertz (2008).

Apresenta-se esta dissertação na sua configuração composta dos seguintes capítulos:

Capítulo 1: Territórios negros em Caçapava do Sul.

Capítulo 2: Negros surdos e surdos em Caçapava do Sul, escrita iniciada nesta proposta que será desprendida do capítulo anterior e ampliada com as memórias da interlocutora Oxum.

Capítulo 3: Caminhos de Oxum. Dedicado as narrativas, as entrevistas vindouras que trarão o conhecimento da trajetória dessa mulher que representa os sujeitos negros surdos deste território e a análise desses discursos.

Realizou-se levantamento dos referenciais iniciais utilizando os termos localizadores relativos a temática surdez, negritude e interseccionalidade, nos bancos de dados : Pesquisa de dados no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), bem como coleta das indicações de literatura orientadas para a temática. A revisão sistemática que, de acordo com Marconi e Lakatos, tem por objetivo conduzir o pesquisador diretamente em contato com aquilo que foi escrito sobre determinado tema, utilizando-se de fontes, como artigos, teses ou dissertações, publicações, periódicos e outros, auxiliará muito para a triagem das leituras mais adequadas a escritura dessa proposta de pesquisa.

A delimitação do espaço de realização da pesquisa estara centrada nos territórios negros caçapavanos mapeados e em outros que sejam significativos a interlocutora. O delineamento para escolha do sujeito de pesquisa inicialmente foi pensado em ser coletados no Censo Escolar do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), Censo Demográfico brasileiro, Secretarias Municipais e Estaduais de Educação de Caçapava do Sul, cruzando os dados surdez, cor ou raça negra, e localidade. E, ainda em Associações de Surdos ou outras entidades representativas, bem como nos Clubes Sociais negros municipais e demais territórios e agremiações. Hipótese abortada ao verificar que não há registros nos assentos documentais do município em que seja possível entrecruzar os dados almejados.

Em busca pelos dados na Coordenadoria de Educação Estadual que abrange a região de Caçapava do Sul, esses dados só são possíveis verificar a partir de 2014 no Censo de Portadores de Necessidades Especiais. Como a pesquisa abrange o período de escolarização de Oxum entre os anos de 1992 a 2016, e considerando que de 2011 a 2016 esteve sob escolarização de outra Regional de educação os dados encontrados, não serviriam para análise deste território investigativo.

Não há associações de surdos atualmente em vigência e nem indícios de alguma organização outrora formalizada. Em busca inicial pela comunidade negra, surgiu o nome da filha do presidente do grupo de danças afro Clara Nunes. Surda, negra e que havia frequentado escolas do município e a escola especial para surdos em Santa Maria. Uma das lideranças surdas conhecida pela comunidade surda local. Coletados os contatos telefônicos e feitos contatos por mensagens de vídeo via app de mensagem com a proposta para participar da pesquisa, obtive o seu aceite. Definindo assim minha interlocutora de pesquisa.

De posse dos estudos teóricos com base na surdez e na negritude como traços formadores da identidade surda, e das narrativas e memórias da interlocutora de pesquisa obtidas em entrevistas semiestruturadas, lançou-se a busca de quais memórias são acionadas, neste território negro, e como se dá a construção de um território surdo negro em Caçapava do Sul, a partir da trajetória de uma mulher negra surda, usuária da língua de sinais, com aprendizagens escolares vividas em escolas de surdos.

Estudo de caso é uma estratégia metodológica de se fazer pesquisa nas ciências sociais e nas ciências da saúde. Trata-se de uma metodologia aplicada para avaliar ou descrever situações dinâmicas em que o elemento humano está presente. Busca-se apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado (MARTINS, 2008, p.2).

Para a construção de dados foi utilizada a entrevista narrativa por ser um procedimento que busca compreender as experiências do indivíduo, inseridas em uma realidade social determinada. Ravagnoli (2018, p.2) nos contextualiza

A característica principal da entrevista narrativa é a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada. Diferentemente dos outros modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas indexadas, com

referências explícitas, e sim, propõe um tema acerca da realidade sob investigação para que o entrevistado o desenvolva da maneira como considerar conveniente, no momento de seu relato. Nesse relato, o narrador deixa marcas de suas experiências vividas, ou seja, estruturas processuais de seus cursos de vida (RAVAGNOLI, 2018, p.2).

Para a análise dos dados coletados a perspectiva interpretativa de Geertz, buscando compreender a cultura e a sociedade por meio da interpretação simbólica dos dados. Geertz argumenta que a cultura é um sistema simbólico complexo que orienta e dá significado à vida social. Nesse sentido, a análise de dados interpretativa se concentra em analisar os significados e os contextos culturais envolvidos nas práticas sociais e nas interações humanas. Em vez de buscar explicações causais ou relações de causa e efeito, Geertz enfatiza a importância de compreender o significado subjetivo das ações e eventos.

Para realizar uma análise de dados interpretativa, Geertz propõe uma abordagem hermenêutica, que envolve a interpretação profunda dos significados culturais presentes nas manifestações simbólicas, como rituais, discursos, símbolos e comportamentos. Isso requer uma imersão cuidadosa no contexto social e cultural, a fim de captar os sentidos compartilhados pelas pessoas dentro desse ambiente.

Ao interpretar os dados, Geertz enfatiza a importância de considerar o contexto mais amplo em que as ações e eventos ocorrem. Ele argumenta que os símbolos e as práticas culturais são moldados por estruturas sociais mais amplas e pelas condições históricas, políticas e econômicas em que ocorrem.

Em suma, a análise de dados na perspectiva interpretativa de Clifford Geertz, em 2008, busca compreender a cultura e a sociedade por meio da interpretação simbólica dos dados, buscando entender os significados culturais presentes nas práticas sociais e nas interações humanas.

Por ser uma pesquisa direcionada a sujeitos que se narram pelo olhar, pelas mãos e por seu corpo utilizei o recurso de vídeo para gravação dos relatos e de toda riqueza expressões faciais, uso de classificadores e todos os recursos gramaticais que a Libras proporciona para a narração de histórias. Por ser usuária da Libras será respeitado seu direito linguístico de utilizar sua primeira língua e por considerar a dificuldade de muitos com a língua portuguesa escrita.

Especificamente com relação aos surdos, que são pessoas visuais e comunicam-se por uma língua gestual visual, seus corpos e mãos narram histórias, piadas, contos de fadas,

filmes, danças, poesias, etc. e suas emoções contidas dentro destes depoimentos são transparecidas por meio de sua língua, fornecendo assim registros fidedignos a serem analisados (FERREIRA, 2018, p.60).

Com os vídeos coletados após interpretação dos dados, será produzido um vídeo documentário para registro dessas memórias, memórias negras e surdas que não podem e nem devem ser silenciadas, apagadas, escurecidas, ao contrário, gritadas com mãos fortes e de cara não pálida.

Como a imagem é polissêmica, ela permite ao leitor certa independência em relação ao narrador, pois o primeiro pode atribuir seu próprio significado às cenas assistidas, as quais se impõem por si mesmas. Mais do que só um registro, as imagens são parte de um processo de interpretação e reconstituição da manifestação; são testemunhas de estive lá (SOARES, 2009, p.22).

Para organização e desenvolvimento da pesquisa foi realizado um encontro presencial na sede do Clube Recreativo Harmonia, sede do Grupo Clara Nunes, local sugerido pela pesquisadora para coleta inicial de suas memórias. Em virtude das restrições de convívio social para conter o avanço e a propagação da Covid – 19, no país e em Caçapava do Sul, as entrevistas restantes foram realizadas por aplicativo de mensagens telefônicas Whatsapp com o recurso de gravação de vídeos. Este recurso foi sugerido pela interlocutora para ser o procedimento que mais atendia às suas necessidades sem comprometer sua rotina diária e os cuidados com a filha. E também ser a forma como habitualmente se comunica, além de ser um recurso que poderia ser utilizado a qualquer tempo, conforme suas memórias fossem surgindo. Permite a salva do material armazenado em equipamento adequado.

Foram produzidos 29 vídeos, com duração total de 3h08 min, de narrativas que contam sua trajetória e história de vida. Desses vídeo documentos, foram transcritos 17 vídeos cujo conteúdo continha as narrativas mais relevantes à pesquisa. Todo material restante guarda uma riqueza discursiva e de significados.

A autorização para a coleta dessas memórias, narrativas e compartilhamento de vivências foi dada de antemão por Oxum e gravada em vídeo seu aceite.

O espaço para encontro presencial utilizado para essa conversa inicial foi o Clube Recreativo Harmonia, território negro fundado em 1971 em Caçapava do Sul/RS, com o intuito de constituir uma sociedade para as famílias negras da cidade.

Clube Social Negro, em atividade a mais de 50 anos. Espaço, segundo a presidente em exercício da entidade, Cátia Cilene Moraes Dutra em entrevista à Gazeta de Caçapava no ano de 2022, por ocasião das comemorações dos seus 49 anos

[...] lugar de inclusão com direito à memória, que auxilia na preservação da História e da Cultura Afro-brasileira e na garantia da manutenção dos direitos civis da população negra, também é um espaço político que protagonizou e idealizou políticas públicas de enfrentamento ao racismo. Gueto Cultural, com passado e com futuro, casa que abriga sonhos, projetos e alegria. Assim nos definimos como um lugar de afirmação e identidade negra!” (CAÇAPAVA, 2022, *on-line*).

O Clube Harmonia acolhe gentilmente em seu interior iniciativas voltadas à temática da negritude, e é um sempre incentivador ao desenvolvimento e propagação de conhecimento e novos saberes.

A escolha desse espaço também se justifica por ser um local de afeto e significado para nossa interlocutora, ex-integrante do Grupo de danças afro Clara Nunes, nascido em seu interior e cujos ensaios permanecem sendo ali executados até a atualidade. Assim como, ser a agremiação frequentada desde sua infância, em suas vivências sociais e por ter crescido ao lado clube, vizinhando a residência de seus genitores. Seu pai atualmente é diretor do Grupo Clara Nunes e um guardião do Harmonial como se define, além de integrar sua diretoria. Pedido informal para o uso do espaço já foi enviado a diretoria do Clube, apenas restando redigir documento oficial para que seja autorizado e agendado dias que seja ocupado.

Por ser um espaço amplo e arejado, permite que eventualmente, nossa interlocutora posa para seu conforto e melhor visualização de suas expressões faciais retirar sua máscara. Essa é uma especificidade a ser considerada pois a língua em uso, durante todo processo comunicativo será a Libras, que por ser de modalidade visual motora nos permite a utilização do espaço de forma diferenciada das línguas de modalidades oral, e a visualização da fala do orador seja visualizada em um espaço maior sem prejuízo a nossa segurança e as medidas sanitárias a serem cumpridas.

Os recursos técnicos empregados para todas as etapas foram: câmera de vídeo, celular, computador com acesso à internet, internet, Hard disk externo (disco rígido) com a finalidade de backup, equipamento de iluminação e suporte para equipamento de captura de imagem.

4 CAÇAPAVA DO SUL – O TERRITÓRIO

Localizada na Serra do Sudeste gaúcho, região da Campanha, numa área de 3.048 quilômetros quadrados, a 450 metros acima do nível do mar. De clima temperado e úmido. É cortado pelos rios Camaquã e Santa Bárbara. As principais vias de acesso são pelas BR 290, BR 153, BR 392, RS 625 e RS 357. Sua população estimada no ano de 2022 é de 32.515 habitantes.

A economia é basicamente sustentada pelos setores de mineração, agricultura e pecuária. É responsável por 80% do calcário produzido no Rio Grande do Sul. Na agricultura, Caçapava do Sul está se destacando como um dos municípios com maior área plantada de oliveiras no Sul do Brasil, possuindo, inclusive, uma indústria de beneficiamento de azeite de oliva.

Caçapava do Sul possui Quatro unidades de ensino superior de maior relevância. São elas: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Centro Universitário Internacional UNINTER - Polo Caçapava do Sul, Universidade Cruzeiro do Sul Virtual - Polo Caçapava do Sul e Universidade Pitágoras (UNOPAR) - Polo Caçapava do Sul.

Um dos municípios mais antigos do Brasil, atende pela denominação de Segunda Capital Farroupilha por sua importância histórica e lugar de destaque no conflito conhecido como Revolução Farroupilha.

Capital do calcário devido à sua importância econômica, sendo a maior produtora de calcário agrícola do país, utilizado em lavouras de todo o Brasil e do Mercosul, para a correção da acidez do solo.

Capital Gaúcha da Geodiversidade, título concedido em 2015, através da Lei 14708 pela Assembléia Legislativa Estadual e do Projeto de Lei nº 164/2014 devido a variedade de conjunturas geológicas sem comparação no estado. Apresentando todos os principais tipos de rochas, estruturas, mineralizações e feições resultantes dos processos terrestres. Tais atributos geológicos constituem o registro de uma evolução longa e complexa, que se iniciou há mais de 2 bilhões de anos. Além disso, no território do município há evidências de mares tropicais muito antigos e erupções vulcânicas de diferentes composições e estilos.

Riquezas estas que compõem juntamente com sua população o Geoparque⁹ Caçapava.

⁹ Geoparque são territórios reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO em que a Memória da Terra é preservada e utilizada de forma sustentável para gerar desenvolvimento para a sua comunidade. Conceito extraído da página <https://geoparquecacapava.com.br/>.

Iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em parceria com a Unipampa – campus Caçapava do Sul e Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul. O Projeto Geoparque Aspirante Unesco está em atividade desde o ano de 2018:

A intenção é implementar e coordenar uma proposta de Geoparque no município de Caçapava do Sul visando novas alternativas para a economia regional, de forma sustentável, por meio da conservação do patrimônio natural e cultural, da educação para o meio ambiente, incentivo à geração de renda através de iniciativas privadas, bem como ao turismo local. Tudo isso, através da apropriação do conhecimento, da capacitação da comunidade, da formação acadêmica, da pesquisa, da extensão, da intervenção e da articulação junto ao poder público local, entidades e sociedade civil organizada. (Universidade Federal De Santa Maria - Pró Reitoria De Extensão, 2018. *On-line*).

De seus geossítios¹⁰ temos grande parte das atrações turísticas locais a saber: Pedra das Guaritas, Serra do Segredo, Minas do Camaquã, Cascata do Salso, Chácara do Forte, Toca das Carretas, Gruta da Varzinha, Mirador Capão das Galinhas, Pedra da Guarda Velha, Cascata do Pessegueiro, Rio Camaquã, Mirador Serra de Santa Bárbara, Cerro do Perau, Caieiras, Rincão da Tigra, Cerro do Reginaldo, Cerro da Angélica, Passo do Megatério, Pedreira da Estrada das Pitangueiras, Cerro do Andrade, Matacões da Vila do Frigorífico. Além do Parque Municipal Pedra do Segredo, Fonte do Mato, Fonte do Conselheiro, Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção. E outras de atração história como: Forte Dom Pedro II, Casa dos Ministérios, Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção, Fórum de Caçapava (hoje abriga Centro Municipal de Cultura Arnaldo Luiz Cassol que abriga o Museu Lanceiros do Sul e a Biblioteca Municipal Domingos José de Almeida) e a Casa de Borges de Medeiros. O primeiro bem tombado em 1938 pelo IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, considerada a única fortificação remanescente no estado do Rio Grande do Sul, os três últimos tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) em razão de sua referência histórica com a Revolução Farroupilha.

Na data de 24 de maio de 2023, durante a 216ª sessão do conselho executivo da Unesco em Paris, na França, passou a integrar oficialmente a rede global Geoparque com a certificação entregue em setembro do corrente ano na 10ª Conferência Internacional dos Geoparques Mundiais

¹⁰ Geossítios são locais ou áreas que melhor representam a geodiversidade de um território. Os geossítios possuem interesse geológico para o conhecimento da história da Terra e podem ser estabelecidos de acordo com os seus valores científico, educacional, ecológico, cultural e estético, além de sua raridade, condições atuais, acessibilidade, entre outros. Os geossítios, juntamente com materiais que já foram retirados de seu local original (como fósseis, por exemplo), formam o patrimônio geológico e geo-patrimonial do território.

da Unesco, que ocorrerá em no Marrocos.

Etimologicamente "Caçapava" se originou do tupi antigo *ka'asababa*, que significa "lugar de atravessar a mata" (*ka'a*, "mata" + *asab*, "atravessar" + *aba*, "lugar")¹¹. Clareira na Mata, popularmente conhecida ou ainda Sentinela dos Cerros.

Segundo (Corrêa, 2013) o surgimento de muitas cidades gaúchas, incluindo Caçapava do Sul, é o resultado da demarcação de terras entre Portugal e Espanha no século XVIII pelo Tratado de Santo Ildefonso em 1777. Com isso as terras da Província do Rio Grande de São Pedro sofrem com intensivas campanhas militares, comerciantes, desertores contrabandistas e dos conflitos pela vigia e guarda das terras lusitanas.

A região que hoje está localizado o município de Caçapava do Sul, primeiramente foi conhecida pelos tropeiros e bandeirantes que se aventuravam por estas terras como *Paragem ou Povo de Cassapava* (ABRÃO, 1992). Esta região consolidou-se posteriormente como Paragem de *Cassapava*, esta oriunda dos acampamentos militares que ficavam nas regiões de clareiras na mata. Clareiras estas que eram chamadas no tupi-guarani de *Cassapava*. Assim, as origens do nome derivada do tronco linguístico do tupi-guarani, pois encontramos citadas em algumas obras relatos que esta região teria sido primeiramente habitada por povos indígenas, daí a relação com o significado da palavra Caçapava (CORRÊ, 2013, p. 33).

Caçapava surge num contexto de afirmação da presença lusitana num período de contenda pela disputa de território com as tropas hispânicas.

Com ocupação da Clareira dos Charruas, teve início a história conhecida de Caçapava, a qual foi elevada à categoria de Vila em 25 de outubro de 1831 e à categoria de Cidade em 09 de dezembro de 1885, através da publicação da lei nº 1535 (Prefeitura Municipal De Caçapava Do Sul, s.d. *On-line*).

Para compreendermos a importância de Caçapava do Sul como capital farroupilha, cabe salientar a belicosidade sul-rio-grandense como algo inerente à região por sua própria formação.

A região, por origem, sendo pertencente à coroa espanhola pelo Tratado de Tordesilhas, era disputada por espanhóis e portugueses desde o fim do século XVII sempre com escaramuças entre estes. Tendo como os principais pontos a Colônia de Sacramento (hoje pertencente ao Uruguai, às margens do Rio da Prata), o forte de Jesus Maria José (hoje a cidade de Rio Grande) formou uma classe de fazendeiros que cumpriam as vezes de chefes militares na defesa da região

¹¹ Navarro 2013, p. 505.

e que sem um exército regular, valiam-se de seus peões, agregados, escravizados e simpatizantes como tropa, fomentado pela obrigação e lealdade destes aos seus senhores.

Quando o Rio Grande do Sul começa a firmar-se como território, essa elite pecuarista, esperou por mais apoio do governo imperial para seu desenvolvimento, mas como o foco econômico ainda era voltado a exploração do ouro e ao açúcar e ao recente café nas províncias centrais e do norte, a produção do charque, principal produto regional e voltado para alimentação dos escravizados dessas outras regiões, era de tal forma taxado que ficava difícil a concorrência com a produção dos países platinos.

Essa dificuldade gerou a insatisfação dessa classe pecuarista dominante e por sua vez, agregou para si apoio de outros grupos como republicanos ainda com a intenção de seguir o modelo dos países fronteiriços e acabar com o poder monárquico, além de separatistas que ansiavam por mais liberdade engrossando suas tropas, bem como os acima citados peões, agregados e escravizados, esses últimos por promessa de liberdade pós revolução, sendo considerado que este não é momento para discussão de até onde esse ponto é fato ou mito.

Segundo Pinto e Pinto (2009) com a eclosão da Revolução Farroupilha, os revoltosos, sem tomar Porto Alegre de forma efetiva, optam por Piratini, declarada a primeira capital e para onde se deslocaram as principais lideranças, resistindo até início de 1839, sendo a capital transferida para Caçapava do Sul em janeiro deste ano. Por sua posição estratégica, ou seja pela possibilidade de controle visual da região, seja pela existência desse ponto como passagem e parada de tropas de gado e militares desde o segundo quartel do século XVIII, também devido a existência de um forte (Forte D. Pedro II), mas este tem seu projeto e início de execução em fase posterior¹² e resistiu até maio de 1840, quando as tropas imperiais retomaram o controle da cidade, deslocando os farrapos em direção a Alegrete. Essa belicosidade não acaba com o fim da revolta dos farrapos, visto as duas revoltas em breve tempo após essa, em 1893 e após em 1923, além dos confrontos de 1932.

Além de ponto estratégico militar desempenhado na Revolução Farroupilha, antes dessa já ocupava papel de destaque regional na criação de gado, lhe conferindo relevância econômica

¹² Sua construção só iniciou em 1850, em um projeto de defesa da RS, com fortes em Chuí, Jaguarão e Caçapava do Sul, quanto a uma possível invasão do general argentino Rosas pós Guerra da Cisplatina. <https://cacapavadosul.rs.gov.br/turismo/visualizar/id/1006/?forte-de-d-pedro-ii.html>

dentro da província. Imaginamos que essa importância da criação de bovinos tenha sido facilitada pelas próprias características geográficas de Caçapava, com predomínio de vegetação campestre, que propiciava uma produção extensiva destas reses.

Outro fato que já mencionamos anteriormente era a conexão com o mercado interno, ou seja, o vínculo que havia entre criadores de gado vacum e charqueadores e estes com as demandas das outras regiões do Império (CORRÊA, 2013, p.39).

Caçapava se firma na história gaúcha não só pelo seu potencial de defesa contra invasões estrangeiras e conflitos internos dado sua localização geográfica, como também pela sua condição de gerar economia interna agrícola e pecuária mesmo que de porte médio porém significativo para a região sul, num período em que a estrutura econômica do início do século XIX passava do negócio do couro para a indústria do charque. Surgindo um promissor comércio interno entre os criadores de gado vacum¹³ e charqueadores. Importante e fundamental dado a ser destacado e, que tem relevância para esta pesquisa, o fato de que toda essa base mercadológica foi construída sobre trabalho escravo negro. Assim como essa presença negra escravizada está latente no interior dessa sociedade rural. Sendo seu quantitativo conforme Corrêa (2017) de um contingente não desprezível, ocupando posição estrutural e não fortuita ou ocasional nas unidades de produção. Quando se volta a origem desse território se percebem as marcas de um processo violento e cruel resultante da escravidão e as consequências atuais que a racialização social e a supremacia branca ocidental e suas formas de racismo, incluindo o estrutural impregnam nos modos de agir, falar, representar minorias¹⁴ por meio de discriminações, negações ou ocultamentos históricos, tanto de contribuições culturais, de conhecimento, de territórios, memórias ou da importância de sua força motriz para o desenvolvimento local e do país, constituindo o que denominamos de epistemicídio. É com olhar cuidadoso e implicado de pesquisadora negra e militante que pontuo contradições que a manutenção de um sistema produtivo e social escravocrata com ideário de liberdade, da qual Caçapava participou ativamente e da qual ostenta valoroso título repercute ainda hoje sobre as atuais condições de vida da população negra local. Assim como a manutenção de um centro de memória patrimonial que

¹³ Vacum: Designação comum às vacas, aos bois, novilhos, garrotes e bezerros. (Corrêa, 2013, p.40)

¹⁴ Minoria: comunidade com características étnicas, religiosas, de costumes ou nacionalidade diferentes das da sociedade em que está inserida, e que geralmente não vive em igualdade de condições relativamente à maioria. definição encontrada em Infopédia dicionários Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/minorias>

atende pela denominação de Lanceiros do Sul da a entender que apesar de conter elementos da história dos lanceiros negros, nele não está contida toda essa memória da população negra caçapavana, contribuindo para apagamentos e manutenção de um status quo de dominação.

Emergem de seus territórios formas de apropriar-se de estruturas rígidas e burocráticas a favor de seus interesses ao organizarem-se coletivamente e reivindicarem não só participação mas a efetivação de políticas públicas voltadas a este segmento social.

4.1 Território negro caçapavano

Situado nesse espaço e contexto histórico, o território negro caçapavano é aqui entendido como lugar de afirmação não só da presença negra, mas de sua identidade, cultura, tradições, memórias, narrativas além de preservação desses espaços como um lugar de poder e conhecimento. E para poder compreender esse território, sua formação e importância é necessário fazer uma distinção entre os termos espaço e território.

O espaço é aquilo que antecede o território; é o campo de possibilidades sobre o qual um ou mais atores projetam as suas intencionalidades, constituindo um programa – projeto, ação, que se caracteriza por um conjunto de intenções a serem desenvolvidas. Um projeto pressupõe objetivos a serem alcançados, os quais requerem a realização de ações para a sua concretização. [...] o território se forma a partir do espaço (VIEIRA, 2017, p.34).

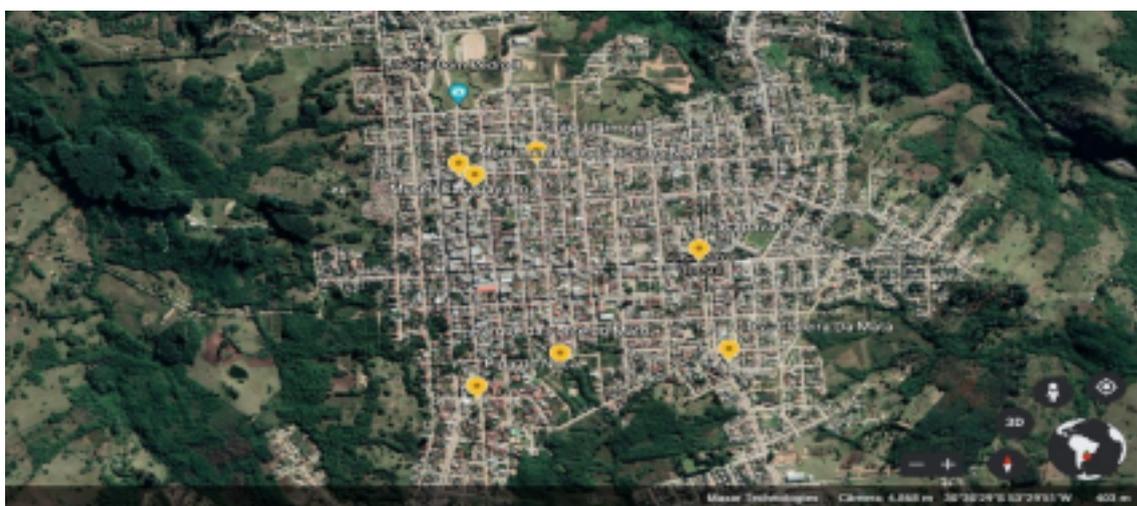
Desse território simbólico e físico e de seus espaços materiais, os tomou por lugares de resistência e de efetiva representação e representatividade das singularidades e de acervo coletivo da população de origem africana em Caçapava. E, dessa apropriação e intencionalidade de usos e ações tem-se os territórios negros e de presença negra caçapavana. Lugares de vívida memória de cerceamento mas também de reconstrução de estratégias de lutas e combate ao racismo em seus mais diversos níveis, com armas outras que possibilitem visibilizar e trazer à superfície o protagonismo de *sujeitos*¹⁵ donos de suas histórias e cientes de sua importância enquanto sujeito e como grupo.

¹⁵ Sujeitos escritos em itálico para destacar segundo (Kilomba, 2019, p. 15) os perigos contidos na linguagem e nas suas formas de opressão de identidade. Também para destacar sobre qual a ótica de representação escrevo, pois me insiro nesse território e sou atravessada por ele enquanto negra pesquisadora mulher e militante. Escrevo num ato político de validar identidades e narrativas dando lugar de destaque e as impedindo de serem apagadas.

O que quero dizer é que para ser concebido como um território negro, os significados atribuídos a este espaço devem estar relacionados não apenas as práticas consideradas negras (capoeira; batuque, umbanda e suas variações; samba; maracatu e suas variações), mas, antes disso, a efetiva presença de pessoas negras neste espaço.[...] Assim, os nossos territórios negros são num primeiro momento espaços físicos habitados por pessoas negras. Mas, mais do que isso, são espaços simbólicos, repletos de sentidos e significados relacionados às práticas ali existentes, a uma ancestralidade negra, a uma memória negra, a um modo de ser e estar negro (VIEIRA, 2017, p.42).

Em levantamento obtido através do projeto de extensão Percurso da Presença Negra em Caçapava do Sul, Edital Geoparque – Unipampa 2020, detalhado em Vieira Junior (2020), foram mapeados seis pontos de presença negra ou pontos em que sua presença é central. Cabe aqui ressaltar a centralidade e a importância sem par da Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Caçapava do Sul - COMPIR, que da demanda e intencionalidade apresentada ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiro e Indígena - NEABI Tio Noca Unipampa legitimando um pedido da comunidade negra local a respeito de seus territórios a execução dessa cartografia. Sendo parceira e apoiadora incansável desse projeto de extensão e uma incentivadora desse projeto de pesquisa e da pesquisadora, de forma a promover e disseminar estudos realizados com a temática negra e centrados no território caçapavano, aquilombando sujeitos e ideários.

Figura 1 - Pontos da presença negra em Caçapava do Sul



Fonte: Bianca da Silva Pinto (2021)¹⁶.

O Museu Lanceiros do Sul, sediado no Prédio Histórico do antigo Fórum Municipal, reúne

¹⁶ Bolsista do projeto Percurso da Presença Negra em Caçapava do Sul.

diversas peças alusivas ao passado escravagista de Caçapava empregada nas lides domésticas e da economia predominantemente pecuarista da região.

Em sua tese Corrêa (2017), discorre sobre as configurações sociais com foco na análise de domicílios e nas questões que permeiam a escravidão em Caçapava no século XIX nos apresenta uma série de tessituras que comprovam como escravidão e liberdade estavam colocados no período oitocentista. Para tal nos embasa em documentos como uma lista de fogos de 1830 e todos os inventários entre 1821 a 1850, os inventários do Cartório de órfãos e ausentes do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul entre 1851 e 1871 e todas as cartas e todas as cartas de liberdade cartoriais entre 1835 a 1871.

Figura 2 - Museu Lanceiros do Sul



Fonte: Acervo da autora (2022)

Monumento em homenagem aos Lanceiros Negros: Localizado na praça Dr. Rubens da Rosa Guedes, no centro de Caçapava do Sul, que tem por objetivo transmitir e despertar a comunidade para a importância que o povo negro teve na história do Rio Grande do Sul.

Em entrevista concedida a Maria Alcina Luiz Alves¹⁷ o Mestre da Cultura popular Francisco Acidemar Nunes, Tio Cida, nos conta que o monumento foi idealizada pelo grupo de cultura Afro-Brasileira Clara Nunes após membros terem assistido ao desfile de uma escola de

¹⁷ Bolsista do Projeto de Extensão Percurso da presença Negra em Caçapava do Sul.

samba porto-alegrense que no ano de 1999 fez uma samba-enredo em homenagem aos lanceiros negros, tirando dessa experiência a ideia da criação do monumento.

Tio Cida, na época presidente do Clube Recreativo Harmonia e Serenita de Melo Pereira, e a diretora do grupo Clara Nunes tomaram a iniciativa para a construção do monumento. Tendo como empecilho para a construção, a resistência de algumas pessoas que alegavam já haver na praça muitos monumentos. Apesar dos entraves conseguiram aprovação para a obra inaugurada no dia 17/11/2000.

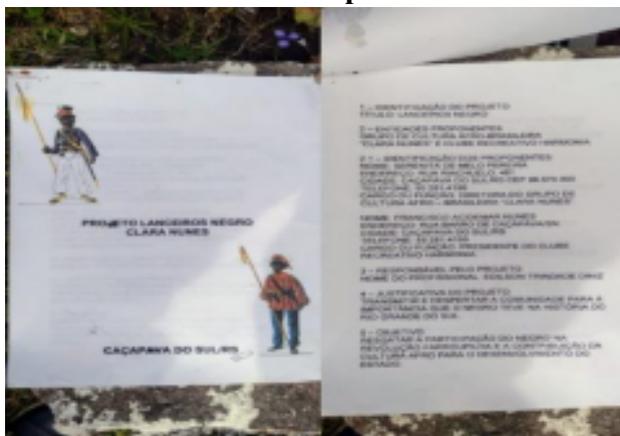
Nesse mesmo ano aconteceu o 3º Encontro Regional Afro-Brasileiro, em Caçapava do Sul, que também homenageava os Lanceiros Negros. Ao deixar esse relato conosco, tio Cida também compartilha que a localidade do monumento foi escolhida pelo fato de ficar em frente a igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção, que é uma forma de agradecer pelos que resistiram e deram continuidade a nossa história.

Figura 3 - Monumento Lanceiros Negros



Fonte : Maria Alcina Luiz Alves (2021).

Figura 4 - Projeto Monumento Lanceiros Negros de construção apresentado ao poder municipal



Fonte: Maria Alcina Luiz Alves (2021).

Clube Recreativo Harmonia, sediado na área central caçapavana, foi fundado em 09 de setembro de 1971, e se configura como um dos Clubes Sociais Negros do município e um dos territórios negros de maior atuação e influência para a população local. Tem seu reconhecimento enquanto clube social negro reconhecido através de mapeamento e inventariado pelo IPHAN como patrimônio imaterial. Palco de inúmeras manifestações no setor artístico e cultural voltadas à valorização e promoção da cultura negra, também serviu de berço ao surgimento de outras entidades como o Grupo de Dança Afro Clara Nunes e o Grupo de Capoeira Herdeiros da Ginga e organizações como o Coletivo Omodê.

Além de reunir e formar lideranças negras atuantes nos diversos setores sociais do município que de seus ideais, desejos e aspirações fizeram surgir não só a proposta mas a busca pela efetivação de um espaço político afrocentrado concretizado na COMPIR. No ano de 2021 comemorou seu cinquentenário, segundo relato de sua presidente em exercício, senhora Cátia Cilene Moraes Dutra, concedida a Gazeta de Caçapava em 2020.

Este espaço é um Clube Social Negro, lugar de inclusão com direito à memória, que auxilia na preservação da História e da Cultura Afro-brasileira e na garantia da manutenção dos direitos civis da população negra, também é um espaço político que protagonizou e idealizou políticas públicas de enfrentamento ao racismo. Gueto Cultural, com passado e com futuro, casa que abriga sonhos, projetos e alegria. Assim nos definimos como um lugar de afirmação e identidade negra (MENEZES,2020).

Figura 5 - Clube Recreativo Harmonia



Fonte: Acervo da Autora (2022)

Fonte do Mato: Sua origem e importância local está intrínseca ao próprio surgimento do território caçapavano sendo uma das principais fontes de abastecimento de água potável local. Consta em caminhos do Sul da América¹⁸, uma referência a sua temporalidade: Ela é tão antiga quanto a Clareira. Os índios charruas do aldeamento indígena dominavam-na em sua língua de: Y-CAA-ÇA-PAABA, que significava *Água da Clareira da Mata*. Em 1850, a comunidade dependia da quantia de cento e cinquenta mil réis para executar melhorias na fonte vulgarmente chamada do Matto, manancial da melhor água potável existente no lugar.

O projeto Memória das Águas: Levantamento e análise preliminar das fontes alternativas de abastecimento de água no perímetro urbano do município de Caçapava do Sul/RS além do objetivo de mapeamento se preocupa em gerar conhecimento e disseminar informações acerca desse recurso junto à comunidade local, promovendo a visibilidade dessas fontes e fortalecendo a identidade cultural do município, por meio do resgate da memória e da história local através dos seus agentes e das profissões exercidas.

Quanto aos aspectos histórico-sociais, foram identificados dois grupos de trabalhadores: os pipeiros e as lavadeiras (profissões atualmente extintas). Considerando um recorte de gênero, o ofício de pipeiro era realizado por homens que realizavam a coleta e venda de água à comunidade local, utilizando transporte de tração animal; e as lavadeiras eram mulheres que lavavam manualmente as roupas das famílias abastadas (SANTOS;

¹⁸ Caminhos do Sul bloglog que visa o desenvolvimento turístico de Caçapava do Sul e região, associando aspectos geográficos e culturais comuns aos países vizinhos do sul do Brasil: Uruguai, Argentina e Chile, encontrado em <http://caminhosdosuldamerica.blogspot.com/p/projeto.html>.

MARTINS; OLIVEIRA; SILVA, 2021, n.p).

Nos levantamentos sobre o percurso da presença negra podemos configurar esse espaço enquanto território negro pelo seu uso e significado com a personificação do pipeiro Alacino Pereira Nobre, o Noca, através de relatos de seus descendentes e as Lavadeiras da Fonte do Mato mulheres (na maioria negras) que exerciam seu ofício em sua bica como fonte de renda principal e complementar. Fato referendado em publicações e narrativas familiares de diversos integrantes do projeto, incluindo minhas próprias memórias familiares.

[...], o patrimônio material e imaterial dos territórios negros está na oralidade e em narrativas cotidianas, nas festas tradicionais, na linguagem e no convívio social estabelecido pelos laços de parentesco, na comercialização de produtos e nos deslocamentos entre um e outro agrupamento (SILVA, 2021, p. 114).

Figura 6 - Pórtico Parque Fonte do Mato



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 7 - Bica da Fonte do Mato



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 8 - Bica da Fonte do Mato , aproximada



Fonte: Acervo da autora (2022).

No Brasil, o incompleto processo de abolição, que não procurou estabelecer um projeto de inserção social e econômica aos egressos do cativo, aliado ao pensamento racista em vigência entre o fim do século XIX e início do século XX, defendia a ideia de que os não-brancos, principalmente os negros, representavam um fator de atraso para a nação brasileira e, portanto, não era interessante promover sua integração, razão central para o abandono dos negros bem como

de seus descendentes após escravidão, foi um instrumento do projeto de branqueamento do Brasil, pois através dessa negligência, estimava-se que o país iria se livrar dos negros.

Nas práticas e discursos eugênicos o que está em discussão segundo Seyferth (2007) não é o conceito de raça, mas o racismo e os racistas que dele o fazem uma doutrina que prega que a raça determina a cultura. Aliada a crença que somente uma raça pura, sem mestiçagem pode desenvolver a sociedade, portanto há de se ter uma seleção social para o melhoramento da raça, onde apenas os mais fortes e mais hábeis poderão sobreviver e manter seu poder político.

Ideia que corrobora para a manutenção do status de subalternização e não ascensão social da população negra.

A historiografia que discorreu sobre a transição do trabalho cativo ao livre nos forneceu elementos fundamentais para um entendimento da posição da classe ocupada pelos negros egressos da servidão. Ao nosso ver, a ausência de Reforma Agrária aos negros rurais; bem como a inexistência de políticas públicas de financiamento de qualquer ordem à comunidade negra; o preconceito e o despreparo motivados pela falta de condições à educação profissionalizante e a competição com o imigrante foram preponderantes na inserção no mercado de trabalho capitalista e livre como classe subalterna, acenando para a continuidade do processo histórico de dominação sobre os negros (DORNELES,1998, p. 21).

Essas desigualdades sociais mantidas através dos tempos continuam a (re)produzir hierarquias e monopólios sociais como nos conta Seiferth (2007) e a excluir minorias incômodas.

Pipa do Noca: Monumento assinado pelo professor José Oliveira Machado, foi criado em homenagem ao Sr. Alacino Pereira Nobre, o Noca. Pipeiro negro que entregava água à comunidade caçapavana quando esta anda não contava com rede de abastecimento de água e esgoto na década de 1940. Figura notória pública percorria a cidade em sua carroça puxada pelo burrico companheiro. Imagem eternizada pelo monumento que retrata não só seu ofício como a magnitude e relevância dele para o desenvolvimento da cidade. Localizada na Praça Mathias Campos Velho, na XV de Novembro, atrás do CTG Sentinela dos Cerros.

Figura 9 - Monumento Pipa do Noca



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Centro de Tradições Gaúchas Clareira na Mata, a entidade tradicionalista fundada ao fim da década de 1979 se configura como um contraponto ao mito da democracia racial e a propagação da crença de um estado formado predominantemente por descendência europeia. Faz um enfrentamento atemporal contra os apagamentos da contribuição negra na cultura e tradições do estado e traz essa luta na esfera local a partir de um viés afrocentrado de valorização e empoderamento negro ao invés da inferiorização da raça por sua tonalidade de pele, local de origem ou ética como nos embasa Silva (2021, p. 109). Ter um CTG negro que cultua as tradições gauchas, pode a princípio parecer contraditória mas justamente ao desconstruir o mito da formação de um estado diferenciado formado a partir da colonização de imigrantes europeus, tenta restabelecer uma ordem ao dizer que não foram somente os imigrantes os responsáveis pelo desenvolvimento do Rio Grande do Sul, mas também os negros, os quais tiveram uma participação anterior à do imigrante.

A partir dos anos 1950, o poder público estadual adota como oficiais a imagem do gaúcho e os símbolos atrelados a ela (hino farroupilha, pilcha, Semana Farroupilha, chama crioula), fomentando o gauchismo como discurso oficial (Salaini; Graeff, 2011, pp. 183-184). O destaque ao gauchismo como identidade oficial promove a secundarização e até invisibilização de outras narrativas culturais (VIEIRA, 2017, p. 75).

Figura 10 - CTG Clareira na Mata fachada



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 11 - Ctg Clareira na Mata - Ponto de Cultura



Fonte : Acervo da autora (2022).

Figura 12 - CTG Clareira na Mata vista lateral



Fonte: Acervo da autora (2022).

Abrija em seu interior um Ponto de Cultura¹⁹ ligada a Rede RS Pontos de Cultura²⁰, na qual está vinculada desde o ano de 2006, fomentando o Artesanato, a Música, a cultura em geral com o abrigo de uma biblioteca com acervo para empréstimo a toda população, além de oficinas de informática e dança tradicionalista Gaúcha.

Caçapava apresenta ainda outro território negro que não foi referendado na pesquisa realizada para o Projeto Percurso da Presença negra em Caçapava do Sul em virtude da inviabilidade de deslocamento in loco ocasionado pelo período de realização do mesmo coincidindo com as restrições impostas pela Pandemia de COVID-19 o que impossibilitou maior detalhamento sobre estes espaços. Apresento-os:

Quilombo Picada das Vassouras o território da comunidade remanescente de quilombo Picada das Vassouras/Quebra Canga, em Caçapava do Sul teve sua titulação enquanto área Quilombola em 2017 com a publicação do 23º edital do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID).²¹ Segundo a publicação, a área determinada pelo Incra/RS conta com 66,5

¹⁹ Ponto de Cultura: iniciativas culturais ligadas aos povos indígenas, quilombolas, de matriz africana, de economia solidária, produção cultural urbana e periférica, cultura digital, culturas populares e juventude, abrangendo diversos tipos de linguagens como música, artes cênicas, cinema e produção audiovisual, circo, literatura, capoeira, folguedos, entre tantas outras.

²⁰ Maiores informações podem ser encontradas no site <http://pontosdeculturars.redelivre.org.br/mapa/ctg-clareira-da-mata/>.

²¹ RTDI é uma das etapas do processo para o reconhecimento e regularização das áreas quilombolas que o Instituto Nacional de Reforma Agrária determina para titulação dos territórios quilombolas no Brasil. Consta do processo para o reconhecimento e regularização das áreas quilombolas as etapas a seguir: 1) *Autodefinição Quilombola* – obtenção da Certidão de Autorreconhecimento emitida pela Fundação Cultural Palmares; 2) *Elaboração do RTDI - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação* – levantamento de informações cartográficas, fundiárias, agrônômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas, etnográficas e antropológicas. Este tem por objetivo identificar os limites das terras das comunidades remanescentes de quilombos; 3) *Publicação do RTDI*; 4) *Portaria de reconhecimento* – publicação de portaria no Diário Oficial da União e dos estados que reconhecem os limites do

hectares para o núcleo Picada das Vassouras e 19,6 ha para Quebra Canga, totalizando 86,1 ha. Com esta ação, as 14 famílias quilombolas avançam no processo de regularização das suas terras. A comunidade de Picada das Vassouras/Quebra Canga segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Quilombolas - CONAQ resultam de um complexo processo histórico de conquista de liberdade e das formas de obtenção ocorrido ao final do século XIX no RS e na região de Caçapava.

É constituída por descendentes de escravos do Coronel Romão Xavier Mariano e de seu parente Ricardo Xavier Mariano, que no século XIX eram donos de grandes extensões de terras na localidade de Bonito, atual Rincão Bonito, no município de Caçapava do Sul. Estas quadras de sesmarias como consta no inventário do Coronel Romão abrangiam matos inutilizados, áreas que foram ocupadas e doadas por seus herdeiros a seus ex-escravos ou descendentes ao longo do século XX (CONAQ, 2022, *on-line*).

Este enredado cenário sobre a organização social caçapavana oitocentista nos remete a Corrêa (2017), um contingente não desprezível de escravizados. Nos traz em suas referências autores que reelaboram as condições de dominação após a cessação das relações escravistas marcadas pela violência mas também por espaços de economia moral encontrada em espaços públicos e privado onde se negociam, cada vez mais, embora de formas quase sempre desiguais os significados de liberdade, essas negociações contribuíram para o enfraquecimento do sistema escravista desta sociedade rural.

Dado relevante apontado pelo CONAQ (2022) diz respeito ao território abranger os dois núcleos comunitários porque, durante a elaboração do relatório sócio histórico-antropológico (uma das peças necessárias ao RTID), pesquisadores constataram relatos idênticos de memória histórica, identidade étnica compartilhada, sociabilidade acentuada, parentesco, implicando inclusive na herança comum de uma gleba, além da proximidade geográfica.

território quilombola. 5) *Decreto de desapropriação* – no caso em que há imóveis privados (títulos ou posses) incidentes no território. 6) *Titulação - titulação* mediante a outorga de título coletivo, imprescritível e pró-indiviso à comunidade, em nome de sua associação legalmente constituída.

Figura 13 - Localização Quilombo Picada das Vassouras



Fonte: Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul publicado em 01 out. 2020

Desse território negro caçapavano a um panorama sobre a população que o habita temos dados que nos apontam a emergência de um olhar voltado as condições socio econômicas que impactam diretamente sobre as políticas públicas e de promoção da igualdade racial no município.e sobre a vida de cada indivíduo de descendência negra independente de marcadores outros que os atravessem.

Santos (2020), em sua pesquisa nos informa um percentual de 20% da população negra com residência fixa no município segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), uma média maior que a própria média estadual estimada em 18%. Em recente atualização demográfica, o Censo IBGE (2022) aponta que a estimativa populacional negra está em torno de 24% no município, mantendo-se superior a estadual em torno de 19,3%. Da pesquisa de Santos (2020), considerável parte dessa população negra é jovem, 24% com idade de até 24 anos. Quanto aos rendimentos mensais, 80% das pessoas autodeclaradas negras dispõe de 1 (um) salário mínimo de renda mensal, enquanto que entre a população branca esse percentual diminui para 59% (IBGE, 2010).

Ainda relativo ao rendimento, os dados do IBGE (2010), entre a população negra apenas 15% possuíam rendimento mensal acima de 1(um) salário mínimo, sendo que 5% dos

negros não possuíam renda alguma. Por outro lado, a pesquisa aponta que entre a população branca 39% tem rendimento acima de 1 (um) salário mínimo, sendo que 2% não possuem renda. Nesse sentido, um dado que se destaca é que no município a população branca em geral possui rendimentos 80% maior que a população autodeclarada preta e 65% maior que a população autodeclarada parda (SANTOS, 2020, p.17).

Sobre a educação formal, 74% das pessoas negras possuem ensino fundamental incompleto ou não possuem qualquer instrução escolar, enquanto que entre a população branca esse percentual é de 54% (IBGE, 2010).

Desse modo, quanto à formação no superior completo, entre a população branca 8% possuem ensino superior completo, enquanto que entre a população negra o percentual é de 2%. E ainda, quanto ao total de estudantes que estão cursando ensino superior 91% eram brancos, 9% pretos e pardos, sendo que cursando especialização 100% dos alunos eram autodeclarados brancos (IBGE, 2010). Ao realizar a comparação e análise dos dados socioeconômicos municipais relativos à população negra conforme Censo IBGE (2000-2010) verifica-se que houve um aumento de 25% na população autodeclarada negra no Município de Caçapava do Sul, no período de 2000 a 2010, enquanto que entre a população branca houve uma redução de 5% (SANTOS, 2020, p. 18).

Figura 14 - Quilombo Picada da Vassouras



Fonte: Acervo da autora (2022).

De toda pesquisa realizada por Santos (2020), destaca-se além dos dados socio-econômicos as legislações municipais que promovam a igualdade racial e suas políticas de efetivação, relacionadas ao fomento da cultura Afro-Brasileira e Africana. Foram encontradas um total de

cinco jurisprudências, segundo a pesquisadora que podem ser encontradas na página da Câmara de Vereadores de Caçapava do Sul/RS²² a saber:

Inicialmente menciona-se a Lei Municipal 770, de 09 de abril de 1996, que institui o Estudo a História e Cultura Afro-brasileira nas escolas municipais, nestes termos: Art.1º - As Escolas de Ensino incluirão no Programa das Disciplinas, o conteúdo "História Afro-Brasileira". Art.2º - A inclusão deste conteúdo será destinado a todas as séries de 1º grau. Art.3º - Os Professores passarão por cursos de qualificação sobre os conteúdos a serem ministrados, organizados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura com Assessoria do Movimento Negro. Art.4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. Sobre tal legislação, que possui conteúdo relevante, importa ressaltar que foi sancionada sete anos antes da conhecida Lei Federal 10.639/03, alterada pela Lei Federal nº 11.645/08, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, alterando a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In verbis: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (SANTOS, 2020, p.14).

A segunda lei municipal nº 1.213, de 19 de março de 2001, dispõe sobre a criação da Semana Municipal da Consciência Negra de Caçapava do Sul, a ser realizada anualmente de quatorze a vinte de novembro.

Duas legislações o direcionadas ao Grupo de Dança e Cultura Afro Brasileira Clara Nunes, grupo de Dança Afro-Brasileira: Lei nº 1224, de 17 de abril de 2001, que autoriza o Poder Executivo Municipal a doar um terreno ao Grupo para construção de sua sede e a Lei nº 3.822 de 21 de janeiro de 2017, autorizando o Poder Executivo a firmar convênio e conceder auxílio financeiro para o pagamento das despesas referentes ao Carnaval 2017.

A Lei nº. 3957, de 29 de junho de 2018, que cria a Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial – COMPIR cuja finalidade, nos termos dos incisos do art. 2ª, caput, da referida lei, é acompanhar ações, programas e projetos direcionados à promoção da igualdade racial no município.

Recentemente a Lei nº. 4087, de 22 de agosto de 2019, cria o Conselho Municipal de

²² <https://cacapavadosul.rs.leg.br>.

Promoção da Igualdade Racial - COMUPIR e o Fórum Municipal de Promoção da Igualdade Racial e dá outras providências:

Art. 1º - Fica criado o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial - COMUPIR, órgão colegiado de caráter permanente, paritário, consultivo, deliberativo, formulador e controlador das políticas públicas e ações voltadas para a promoção da igualdade racial no âmbito do Município de Caçapava do Sul, vinculado à Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial - COMPIR.

Art. 81 - Fica criado o Fórum Municipal de Promoção da Igualdade Racial, espaço público da sociedade civil, de participação direta na formulação de políticas de promoção da igualdade racial, cujas deliberações norteiam as ações vinculadas aos órgãos gestores das políticas públicas no Município.

A concretização e efetivação das duas últimas legislações resultaram na adesão do município ao Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial - SINAPIR²³, fazendo de Caçapava o nono município gaúcho a aderir ao sistema e o título de Embaixadora da Promoção de Igualdade no RS devido seu avanço nas políticas públicas de Promoção de Igualdade Racial, sendo uma das poucas cidades do Estado do Rio Grande do Sul que tem coordenadorias de Promoção de Igualdade Racial; por ter leis de promoção de Igualdade e ser uma, das 10 cidades, no Estado gaúcho, a ter aderido ao SINAPIR.

Ainda em decorrência das legislações de promoção da igualdade racial que visam mitigar e ou diminuir discrepâncias ao acesso e ingresso ao serviço público a Lei 4108 de 23 de outubro de 2019, reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da Administração Direta, nas entidades da Administração Indireta e no Poder Legislativo do Município de Caçapava do Sul. Regulamentada pelo Decreto 4441 de 11 de março de 2020 que normatiza o procedimento de heteroidentificação, complementar à autodeclaração dos candidatos negros, para fins de preenchimento das vagas reservadas, nos termos da Lei Municipal nº 4.108.

Essas legislações e ações de afirmação, reconhecimento e garantia de direitos são instrumentos legítimos adotados pelo poder público e buscam proteger coletividades que, em

²³ O Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) instituiu o Sinapir. O sistema é uma forma de organização e de articulação conjunta da União, estados e municípios voltado à implementação do conjunto de políticas e serviços destinados a superar as desigualdades étnicas existentes no país, prestados pelo poder público federal.

algum período histórico, foram esquecidos, apagados ou deixados de serem visíveis, o que pode lhes ter causado danos de difícil reparação. Importante ressaltar que nenhuma dessas legislações é dada por benevolência. São frutos de lutas, de potência, enfrentamentos diretos e outros nem tanto que a comunidade negra caçapavana travou e vem travando ao longo dos anos por protagonismo, por direitos, respeito e igualdade de oportunidades e ascensão.

4.2 Território negro surdo em fronteira

Quando novamente olhamos para este território enquanto um espaço de protagonismo concebendo o grupo negro na condição de agente, resituando o lugar do negro não só no espaço, mas nas representações sociais. É a partir desse olhar de reposicionamento social e espacial e das múltiplas e facetadas formas de ser negro que estendo a vista não para Outro, sujeito negro, mas para uma dupla existência negra que a surdez imprime e atravessa. Quem é ou são esse(s) sujeito(s)? Como ele/(a)(s) se constitui(em), como narra(m) suas experiências nesse território e como imprime(m) suas marcas de singularidade nele e o significam também enquanto um território negro surdo (Vieira, 2017, p.48).

Quero aqui ressaltar que parto do entendimento de interseccionalidade²⁴, ou seja, diferentes marcadores sociais para a diferença que se interrelacionam e se moldam mutuamente.

[...] interseccionalidade, a saber, que em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos da vida social (COLLINS, 2021, p.16).

Ao considerar os sujeitos negro surdos deste território posso me deparar com marcadores outros de diferença como o gênero, a classe, a religiosidade entre outros que não são foco dessa pesquisa mas que podem influir em maior ou menor grau em como esses sujeitos irão se constituir e se representar nesse território negro e caçapavano. Adoto a perspectiva de deslocamento de uma pureza cultural surda apresentar a surdez como um território de lutas, um espaço de conflitos de identidades, onde os elementos culturais circulam pelas fissuras e rachaduras dessa comunidade,

²⁴ Interseccionalidade é pensada como uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe (Akotirene, 2019, p. 20).

conformando um labirinto de significados. Um grupo híbrido, heterogêneo com características étnicas e culturais distintas dos outros surdos, transitório que se mescla, se mistura e apresenta diferentes possibilidades de se combinar, se constituir (Klein e Lunardi, 2006, p.15).

[...] transita pelos dois mundos, sem nomear um deles como melhor ou pior, mas vivencia cada um deles. [...] ser surdo, assim como ser negro, não se restringe a uma característica biológica, mas se evidencia como uma questão de pertencimento e de experiências compartilhadas (FURTADO, 2012, p.81).

Opto pelo termo negro surdo por conceber a necessidade de racializar a surdez neste espaço em que a pesquisa se realizará e nos território em que será focada. Posto que ainda hoje, a raça é um marcador social de diferença e de desigualdades sociais a ela associada, arraigado na sociedade brasileira e em especial na caçapavana conforme apresentado anteriormente nos dados obtidos sobre a população negra. Na definição de Sandro dos Santos Pereira, bacharel em direito, surdo negro, artista e diretor da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS):

Negro Surdo: refere-se ao sujeito que possui duas marcas identitárias, ou seja, primeiramente a de negro e secundamente a de surdo. O indivíduo que possui essa dupla identidade, por exemplo, ao transitar por lugares movimentados, shoppings, ir ao médico ou em alguma situação que envolva um caso policial, por exemplo, o que primeiro será observado e até com certo estranhamento pelos ouvintes, nesse indivíduo, não é o fato dele usar a língua de sinais e ser surdo, mas sim, principalmente o fato dele ser negro. Surdo Negro: refere-se ao sujeito que possui dupla identidade, ou seja, ele é negro e também é surdo. É aquele indivíduo que se orgulha da sua negritude e de pertencer a cultura surda e por isso participa de movimentos de lutas sociais em prol de seus direitos, não somente dos direitos das pessoas surdas ou com deficiência como acessibilidade, inclusão, mas também lutam a fim de que haja igualdade de oportunidades para a pessoa negra, como direito ao trabalho, maior acesso em universidades públicas, lei de cotas, enfim, lutam para que a lei seja de fato cumprida (FERREIRA, 2018, p.79).

Por sua dimensão social e política interseccionada com a surdez nos possibilita dimensionar a temática e a própria educação de surdos para além de questões linguísticas e metodológicas e é o principal marcador, quando tratamos dos processos de inclusão e exclusão no sistema educacional. Retomo as motivações iniciais e ao projeto de sociedade na qual busco ajudar a construir como mulher negra, como militante engajada nas políticas de promoção de igualdade racial do município, como colaboradora de Neabi nas ações orientadas a promover ações que contemplem uma educação para as relações étnico-raciais, como educadora de surdos não posso me furtar ao dever ancestral, social e político de não só lutar por transformar realidades que me

atravessam, assim como trazer a discussão e visibilidade ao campo de lutas os protagonistas dessa história/narrativa (Ferreira, 2018, p.78) .

4.3 Negros Surdos e Surdos em Caçapava do Sul

Em levantamento inicial sobre os quantitativos desses sujeitos podemos encontrar alguns dados formais coletados junto ao Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), que permite a consulta de resultados de quase todas as pesquisas estruturais do IBGE, inclusive o Censo Demográfico, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e as pesquisas econômicas anuais e os dados obtidos podem ser cruzados em até seis níveis (como situação, sexo, idade e escolaridade) para os períodos (séries temporais) e recortes territoriais (como estados, municípios e bairros) disponíveis para cada pesquisa. De seus indicadores temos uma estimativa aproximada, visto que os dados obtidos referem-se ao último censo 2010.

E aqui cabe esclarecer que manterei esses dados pois os resultados sobre a população com deficiência no Censo de 2022 só devem ser divulgados no último trimestre de 2024. Para a pesquisa realizada a intersecção raça e deficiência são melhor contempladas pelo Censo de 2010. De acordo com o IBGE, a data para apresentação desses dados específicos ainda não está definida.

Segundo o Blog Vencer limites de 12 de janeiro de 2024, nos últimos 15 anos as estatísticas a respeito da população com deficiência sofreram significativas alterações. Dos 45,6 milhões de habitantes identificados com deficiência no Censo de 2010, houve uma admissão pública de que seus critérios de identificação resultaram em um quantitativo errôneo. Em virtude da situação de pandemia não houve Censo em 2020. Em 2021, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), também coordenada pelo IBGE, contabilizou 17 milhões de pessoas com deficiência. Em 2022, na PNAD: Pessoas com Deficiência, foi divulgado que o Brasil tinha 18,6 milhões de pessoas com deficiência. Importante salientar que neste último censo foi considerado apenas o critério de indivíduos que têm **muita dificuldade** ou **não conseguem de modo algum** fazer uma atividade foram identificados como **pessoas com deficiência**. Continua seguindo orientações do Grupo de Washington, do conjunto curto de questões sobre deficiência (*short set of disability questions*), difundido internacionalmente entre órgãos de estatística e institutos de pesquisas.

Houve a inclusão de questão específica sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O instituto também confirmou que, seguindo o previsto na Lei Nº 13.861/2019. Segundo a analista Maíra Bonna Lenzi, analista de pesquisa do grupo de trabalho de deficiência do IBGE.

Em todos os indicadores publicados pelo IBGE, **considera-se pessoa com deficiência aquela que tem muita dificuldade ou não consegue de modo algum** enxergar, ouvir, se locomover, movimentar membros superiores ou fazer tarefas habituais como se comunicar, ter cuidados pessoais, trabalhar, estudar, etc, em decorrência de limitações nas funções mentais ou intelectuais, mesmo que faça uso de aparelhos de auxílio. Isso permite que o Brasil possa fazer comparações com outras pesquisas do próprio IBGE e de países que seguem as orientações do Grupo de Washington", esclarece a especialista, que explica por qual motivo o instituto decidiu não usar no Censo 2022 o IFBrM (Índice de Funcionalidades Brasileiro Modificado).

Segue a analista justificando, para compreender a deficiência como produto da interação entre funções e estruturas corporais, com limitações e barreiras sociais e ambientais, resultando em restrições de participação em igualdade de condições com as demais pessoas, o Censo está em consonância com a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), a Convenção de Direitos da Pessoa com Deficiência da Organização das Nações Unidas e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146/2015), mas o IFBMr ainda não foi implantado nos órgãos brasileiros, mesmo aprovado na Resolução CONADE nº 01/2020, época em que o questionário do Censo já havia sido definido", completa a analista do IBGE.

Finalizando as informações prestadas ao Vencer Limites, o Cadastro Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Cadastro-Inclusão), é uma base fundamental para políticas públicas. Em sua primeira fase, contempla quem recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a aposentadoria por deficiência, ambos obtidos por meio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Cabe esclarecer que os critérios empregados adotam uma perspectiva de normatividade, padrão, clinicidade ao empregar terminologia e conceitos como deficiência, impedimento permanente, falta ou correção, porém são extremamente úteis para trazer à superfície informações nem sempre visíveis ou intencionalmente ocultadas.

Para centrar nos sujeitos de pesquisa tomarei por base a característica deficiência auditiva não consegue de modo algum, apresentada pelo instituto, por abranger somente as pessoas que

mesmo com recurso de aparelho auditivo, caso o utilize, apresentem dificuldade para ouvir.

Um apontamento relevante para essa característica a ser considerada é, se o indivíduo tem impedimento para ouvir e os dados coletados são registrados em como a pessoa se declara, como responder e se afirmar impedida de toda forma se não consegue ouvir a pergunta? De que forma ela é feita? Quem responde por esse indivíduo? Alguém é autorizado a responder por ele? Não obteve esclarecimento do procedimento empregado, mesmo consultando publicação do IBGE onde estão contidas as notas técnicas e considerações metodológicas sobre o Censo.

Um outro ponto a considerar é que o resultado obtido é encontrado em uma uma tabela fruto de um questionário de amostra aplicado a todas unidades domiciliares que foram selecionadas para tal, segundo frações de classes de tamanho desses municípios. No caso de Caçapava do Sul, município enquadrado entre mais de 20.000 a 500.000 mil habitantes, a fração amostral é de 10% do total de domicílios.

Tabela 1 - Tipo de deficiência por situação do domicílio (3425) – Caçapava do Sul - 2010

	Total	Deficiência auditiva – não consegue de modo algum	Deficiência auditiva – grande dificuldade	Deficiência auditiva – alguma dificuldade
Total	33690	62	527	1894
Urbana	25410	08	403	1428
Rural	8280	54	124	466

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – IBGE(2010).

Tabela 2 -Tipo de deficiência por sexo Amostra (3425) – Caçapava do Sul – 2010

Sexo	Total	Deficiência auditiva – não consegue de modo algum	Deficiência auditiva – grande dificuldade	Deficiência auditiva – alguma dificuldade
Mulheres	17361	44	286	834
Homens	16329	18	241	1060

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – IBGE(2010).

Oficialmente temos no município um total de 62 indivíduos com incapacidade permanente

de ouvir de modo algum. Desse todo não é possível precisar, segundo censo, quantos são usuários da Língua Brasileira de Sinais - Libras nem os pertencentes a comunidade surda local. A maioria absoluta, 54, são residentes na zona rural do município e predominantemente do sexo feminino. Quanto aos dados relativos à idade tem-se uma maior incidência na faixa de 0-19 anos com 31 sujeitos. Parcela quase proporcional a faixa de idade de 50-64 anos com 30 entes. Nenhuma referência a faixa etária entre 20 - 49 anos.

Tabela 3 - Tipo de deficiência por idade (3425) - Caçapava do Sul - 2010

Idade	Total	Deficiência auditiva – não consegue de modo algum	Deficiência auditiva – grande dificuldade	Deficiência auditiva – alguma dificuldade
0 a 14	6644	27	7	94
15 a 19	2791	8	12	82
20 a 24	2390	-	-	41
25 a 29	2316	-	25	18
30 a 34	2073	-	-	47
35 a 39	2175	-	29	33
40 a 44	2390	-	-	59
45 a 49	2557	0	63	193
50 a 54	2260	8	11	141
55 a 59	2307	13	27	119
60 a 64	1664	9	62	156
65 ou mais	4213	-	290	913

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – IBGE(2010).

Para esta pesquisa o fator idade não tem um fator de relevância tão apurado visto que o que será abordado nesse estudo refere-se a capacidade de narrar-se e trazer a superfície memórias negras surdas em seus territórios negros.

Em pesquisa empírica realizada no ano de 2017, para comprovação da necessidade e relevância de investimento em um curso de Libras básico a uma escola de curso livres da

localidade, a professora e Intérprete de Libras Roberta Trindade Henriques, levantou um número significativo de surdos usuários de língua de sinais residentes no município, apresentados na tabela abaixo.

Tabela 4 - Pessoas surdas da comunidade, segundo pesquisa informal – Caçapava do Sul - 2017

Surdos	Homens	Mulheres	Crianças	Soma
Zona Rural	02	02	03	07
Zona Urbana	09	07	05	21
Total	11	09	08	28

Fonte: Roberta Trindade Henriques (2017).

Resultado esse obtido através de visita às escolas da rede pública municipal e estadual que atendem ou que em algum momento tiveram alunos surdos em seus quadros, bem como, ida às residências para comprovar a veracidade das informações. Em conversas informais lhe foram apontados outros indivíduos não mapeados pelas instituições escolares, chegando na totalidade de 28 surdos, com predominância do sexo masculino e moradores da zona rural. Interessante o dado trazido do número de crianças, porém não se faz referência às idades das mesmas assim como em relação ao sexo. Tampouco faz-se referência a raça dessas pessoas.

Analizando os dados oficiais para as características raça e incapacidade permanente em ouvir pode-se inferir uma generalização em relação ao número de sujeito negros considerando a autodeclaração pretos e pardos interseccionando com o grau de limitação. Embora todos os sujeitos com alguma diminuição auditiva se declarem pertencentes a alguma raça, não é possível referenciar os sujeitos com restrição total da audição, foco dessa análise.

Tabela 5 - Deficiência auditiva por raça (2112) - Caçapava do Sul - 2000

Raça	Total	Total, parcial ou baixa
Branca	28990	1515

Preta	4110	145
Amarela	0	0
Parda	1371	44
Indígena	125	16
Sem declaração	47	0

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – IBGE(2000).

Esses dados do ano de 2000 são as informações mais atuais encontradas no banco de dados do IBGE ao se fazer uma busca intercruzando parâmetros de cor ou raça com capacidade de escuta dos entrevistados. Dela podemos alcançar um montante de 189 cidadãos negros com algum tipo de limitação auditiva, representando um percentual de 3,44% do total de autodeclarados negros. Em relação a idade desses entrevistados não foi possível ser obtido quantitativo. Maiores cruzamentos de dados não são possibilitados pela ferramenta de busca disponibilizada pelo IBGE.

De todo esse levantamento é possível ter um perfil aproximado dos negros surdos do território caçapavano, tendo um percentual estimado entre a população negra residente que esta em torno de 3,44%, do sexo feminino, moradores da zona rural e numa faixa de idade entre os 0 a 19 anos. É desse perfil da população negra surda caçapavana que nossa interlocutora Oxum emerge e se insere. Surda, mulher, moradora da zona urbana.

5 CAMINHOS DE OXUM

*Seja tenente ou filho de pescador, eh
Ou importante desembargador
Se der presente é tudo uma coisa só
A força que mora n'água
Não faz distinção de cor
E toda a cidade é d'Oxum*

(É d'Oxum. Duarte, Gerônimo Santana ; Calazans, Vevé. Trilha sonora da novela Tenda dos Milagres, 1985).

É D'OXUM esta cidade, sua casa, seu território, de onde emergem suas memórias contadas, vividas, esperanças. De suas mãos fala-se tudo o que pode ser dito com mel na boca, como nos ensina o provérbio africano que se refere à força, sem perder a amorosidade da Orixá. Segundo a tradição oral transmitida nas comunidades religiosas, espaços de resistência dos saberes culturais e sociais que as religiões de matriz africana nos possibilitam acessar conhecimentos através de suas lendas, contos, provérbios, símbolos e instrumentos.

Oxum é a mulher que, através do trabalho, do respeito às tradições e da luta, foi capaz de reverter as estruturas de poder e riqueza e apropriar-se de fatias consideráveis deste poder e desta riqueza.” para mim, quando ela se instaura no caminho, ela convoca: o autocuidado, o afeto e o estado de presença de saber se olhar em seu espelho para ver além de si (Iya Wanda d’Osun in Freitas, 2023).

Como a Yabá, que se reflete no espelho não só para se admirar mas também para se precaver de ataques inimigos, traçar estratégias de enfrentamento, liderar, lutar e não aceitar ser subjugada.

Oxum, inserida em todo seu conjunto mitológico de ancestralidade africana, permite vislumbrar uma pedagogia transgressora, como aquela inspirada no abebé de Oxum, que possibilita o reconhecimento do belo de si refletido no espelho e também o estratégico domínio do ambiente que é co-habitado, inclusive pelo opressor que intenciona estabelecer domínio pela força e pela violência (DIAS, 2020, p.12).

Descreve-se aqui, a Oxum Caçapavana, insubmissa e transgressora com a nem sempre doçura de uma filha da orixá mas, com igual força guerreira para transformar a si, sua existência, seu entorno naquilo que sonha ser o ideal.

Oxum, mulher surda aos 36 anos. Mãe da Isabella de 5 anos, ouvinte, e apresentada com

orgulho como sabedora de sua língua. Língua que em todas narrativas é colocada na centralidade, seja para reforçar a necessidade de acessibilidade seja para garantir seus direitos básicos de cidadã.

“Nasci em Caçapava, mas minha filha nasceu em Santa Maria porque lá tive intérprete no Hospital, no médico”<https://youtu.be/w15Fsb2Uomc> (vídeo 1 - transcrição completa em língua portuguesa). Nos situa em seu posicionamento frente à surdez e seu reconhecimento enquanto indivíduo surdo não só na forma de se identificar quanto na forma de se mostrar ao mundo. Influenciando novos olhares e discursos.

Apresentar-se traz em si uma carga de doação, de entrega, de pensar sobre si e revelar ao outro o que nos é caro, único. Narrar é também contar histórias de si mesmo. No ato de contá-las, nos constituímos e damos sentidos às experiências vividas, trazendo em sua voz o tom de outras, pensando no contexto do seu grupo, gênero, etnia, classe social e cultural (Moura e Nacarato, 2017, p.16)

Compartilhar memórias e os apagamentos de Oxum em sua terra, frente à educação bilíngue, sendo uma mulher surda e negra e todas implicações desses atravessamentos para o pensar sobre o ensino de surdos é uma possibilidade de desconstruir suas narrativas coletadas. Narrar-se pelo outro também implica (re)conhecer algo nem sempre visível.

Quando Isabella diz - Ela nasceu aqui.

Indago se aqui em Caçapava?

- Sim
- Nasceu da barriga da mãe dela.
- A irmã dela é a Janaína , a Potira...
- Como é o nome da vovò, da mãe de Oxum
- Maria Silvana
- E o nome do papai dela?
- É pai
- Tu não lembra do nome?
- Francisco Acidemar
- Repito
- Aquele lá, apontando para o cartaz
- Indago o que mais Isabella sabe sobre a mãe

- Ela ta com o celular quebrado... a mãe quebrou
- Oxum a olha e diz que foi ela quem quebrou...
- O que mais indago? Ela é bonita?
- Sim
- Ela me bate! Porque eu teimo, ai eu choro..
- Porque você não me olha, diz Oxum
- Minha mãe sobe na árvore
- Faz comida...macarrão eu gosto
- Minha mãe pula a janela
- Ah...faltou uma coisa sobre a mãe...
- Ela é surda!

(vídeo entrevista inicial - presencial) <https://youtu.be/rP0OhBqPtVk>

E esse invisível aqui surge como a ancestralidade evidente na narrativa da sua filha, a luta cotidiana pelo respeito a sua visualidade e seu modo de comunicação. Despretensioso relato impregnado de essência é a partida para se conhecer as narrativas que se desenvolverão.

A leitura da própria narrativa gera emoções diversas e reflexões ainda não pensadas (Moura;Nacarato, 2017,p.18). Pela voz do outro, ve-se ensinamentos, reprodução de comportamentos e discursos e também a oportunidade de ser combativo na defesa de ideais.

Ao longo das entrevistas, e pela sua trajetória pela educação, Oxum vai tecendo paralelos entre um passado recente e o presente, apontando caminhos possíveis a seguir e a rever:

“Em 2012, entrei pela primeira vez numa escola de surdos, em Santa Maria. E, havia muitos surdos, com muitos fiquei admirada. Professores ouvintes fluentes em LIBRAS. E muitos surdos e cultura surda e Português e LIBRAS.” <https://youtube.com/shorts/2Meclf48jSk>.

A Escola Estadual de Educação Especial Drº Reinaldo Fernando Cóser, fundada em 2001, é pioneira na educação de surdos na cidade de Santa Maria, única na região central, e distante 98 km de Caçapava do Sul. Além de atender as cidades da região, oferece Ensino Fundamental, Ensino Médio, formação de professores surdos (magistério) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dentre os estudantes, estão pessoas cadeirantes, surdos, autistas e surdo-cegos. Promove uma educação dentro da perspectiva bilíngue – língua de sinais como primeira língua e língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.

De sua admiração com o universo Cóser, podemos perceber que Oxum ao adentrar um ambiente educacional pensado para suas necessidades, traz à tona falhas e limitações educacionais. Lançando comparativos e apontamentos válidos e ainda latentes para este território. Inclusive, foi protagonista do maior e mais grave: o abandono, a evasão.

“Nas escolas que estudei quando era criança, escolas inclusivas, escola com ouvintes eu abandonei”. <https://youtu.be/Bv8wIh-IMjg>

Fazendo uma retrospectiva do seu período de escolarização básica, dos anos de 1994 a 2002, considerando este o intervalo recomendado, temos uma latente movimentação na área da surdez que culminou com a criação da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação pelo decreto 5626/2005. Deste marco legal que reconhece a Língua de Sinais como língua de comunicação da comunidade surda brasileira, garante o direito à informação e ao seu uso em todos espaços públicos, dá o direito do surdo a ser educado em sua língua materna, mediante bilinguismo, assegura os recursos humanos e tecnológicos de acessibilidades e direito linguístico em todos níveis de ensino, dispõe sobre a formação dos profissionais para o ensino de Libras e Intérpretes, além da criação da disciplina obrigatória Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de professores. Porém a legislação que ampara seu direito linguístico não alcança durante esta primeira etapa escolar. Muito embora seu direito à igualdade de oportunidades fosse assegurado desde a Constituição Federal de 1988 em seus artigos 205 e 208 e a Lei de Diretrizes e Bases nos artigos 4, 58, 59 e 60 e na Lei 10.098/2000 com a eliminação de barreiras de comunicação e sinalização Capítulo VI, artigos 17,18 e 19. Principalmente o artigo onde se lê:

O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (BRASIL, 2000, *on-line*).

Deixou de ser assegurado quando diz “Nas minhas ex escolas, as pessoas não me ajudavam. Lembro que não tinha ajuda”, <https://youtu.be/uqBE0VHbQPI>. Tampouco a formação dos docentes que atuaram no ensino dos surdos neste período recebeu atenção necessária. Muito embora desde início da década de 1980 a Universidade Federal de Santa Maria, tenha o curso de Educação Especial, reconhecido e atuante na região. Essa formação também reflete a influência

das metodologias vigentes no ensino de surdos neste período e o pensamento de que dada a oportunidade de serem incluídos no ensino regular deveriam adaptar-se. “Na minha ex escola, a professora xxxx, conhece? No meu grupo de crianças, eu era a única a oralizar. E era preciso aprender a falar bem. Precisa aprender a falar as palavras. Foi bem sofrido”.
<https://youtu.be/0SFmee6WNFM>

A década de 1990 surge com novas proposições e estudos sobre as línguas de sinais e, com ela, as instituições deveriam reconhecer, respeitar e considerar as especificidades dos surdos na elaboração de suas propostas pedagógicas.

[...] do ensino da língua de sinais na primeira infância como justificativa para o desenvolvimento e aprendizagem de sujeitos surdos bilíngues. Para tanto, os discursos também orientam a necessidade das famílias receberem instruções e formações quanto à língua de sinais sob a argumentação de que o espaço familiar é o primeiro contexto bilíngue em que as crianças surdas estão inseridas. Outra recorrência discursiva trata do lugar da língua de sinais como a primeira língua das crianças surdas e a língua escrita, como segunda língua a ser desenvolvida no contexto escolar. (LOPES; THOMA, 2016, p.10).

Do discurso de Oxum, percebe-se o empenho do ensino da língua de sinais, acontecia em grande parte, por ações individuais, não ações pedagógicas sistemáticas e institucionais .

Eles, os surdos, me perguntavam como sabe LIBRAS? Eu observava. Aprendia sozinha os sinais dos colegas. Eu ia aprendendo as palavras e os sinais. Tinha um livro com o alfabeto e alguns sinais. Em casa, sozinha eu praticava e aprendia. Eu gosto de ser surda, é direito meu!
<https://youtu.be/Bv8wlh-lMjg>

Também de seus relatos, é latente a importância dada à família, a urgência em se criar um ambiente linguístico rico em interações na língua de sinais para que o surdo possa desenvolver-se cognitivamente, social e culturalmente de forma satisfatória. Além de ser facilitadora do processo de aprendizagem e o apoio à leitura e à compreensão.

“Família é difícil, família...eu gosto da minha família, é boa...mas ela precisa aprender LIBRAS” <https://youtu.be/RjItIVQOtfQ>

Aponta aqui que a família é fundamental na construção de uma educação bilíngue para surdos. Indicando algumas razões para essa relevância no processo. Aprender e utilizar a Língua de Sinais para se comunicar com o filho/a surdo/a promove uma comunicação mais efetiva e significativa. Cita que a falta de apoio à comunicação gera restrições bem marcantes ao

desenvolvimento linguístico como a fluência e proficiência na LIBRAS. Em diversos trechos Oxum nos coloca que o envolvimento ativo das famílias na educação bilíngue, demonstra aceitação e orgulho em relação à sua identidade surda, isso fortalece a confiança e o senso de pertencimento. Segundo Gladis Perlin, a identidade política surda é formada a partir de experiências comuns de opressão e exclusão e de políticas de assimilação e negação de sua cultura e língua. Diante dessas opressões, os surdos desenvolveram uma consciência política coletiva, buscando a valorização de sua identidade e a reivindicação de direitos. A luta pela legitimação e reconhecimento da língua de sinais como língua oficial, por exemplo, é um importante aspecto da identidade política surda.

Além de ser marcante o reconhecimento da surdez como diferença linguística e cultural, demonstrado através do uso da língua de sinais, que também contribui para a construção de uma identidade segura, com acolhimento, afeto, apoio e respeito. Oxum nos coloca que a falta da língua, mais que privação comunicativa, é privação social, é negação política, exclusão.

“Na minha família adotiva, somos três irmãos, sabem LIBRAS, mas tem preguiça, preferem oralizar, ...eu percebo” <https://youtu.be/4vGeiwjPFU>

Perlin, também destaca que as identidades políticas surdas são permeadas pela interseccionalidade, ou seja pela interação de diferentes opressões e formas de discriminação que algumas pessoas surdas experimentam, como o machismo, o racismo e a homofobia. Portanto é importante compreender que a identidade política da comunidade surda é diversa e multifacetada, refletindo a complexidade das experiências vividas pelos indivíduos surdos.

‘Família, fico triste. Não tem ajuda pra mim. Sabem que eu não sei falar fluente e bem e insistem em oralizar na minha frente’. <https://youtu.be/0SFmee6WNFM>

Deste ponto, surge forte em sua narrativa o enfrentamento as ações capacitistas praticadas em diferentes espaços sociais, incluindo aqueles vivenciados dentro da própria família, nos cerceamentos velados ou nas práticas abertamente executadas, que lhe tolhem o direito pleno de ser mãe, mulher, ou qualquer outra papel que desempenhe. O capacitismo enquanto conceito atrelado ao corpo, a discriminação e preconceito atribuído as pessoas que possuem alguma limitação física, sensorial, cognitiva e a crença que somente corpos plenamente capazes são capazes de gerar bens e dinheiro dentro da sociedade capitalista.

Podemos observar que o capacitismo é uma forma de preconceito, de discriminação contra a pessoa com deficiência, faz parte da sociedade e envolve as capacidades que uma pessoa possui ou não. No caso da pessoa com deficiência, o imaginário traz à tona que essas pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência. Segundo Fiona Kumari Campbell, professora sênior na Escola de Educação e Serviço Social da Universidade de Dundee na Escócia, costuma-se traduzir a palavra capacitismo a partir da palavra inglesa ableism; seu sentido está relacionado com a discriminação devido à condição de deficiência. Esse conceito refere-se ao poder e à temática do corpo, através da ideia de um padrão corporal, do corpo perfeito; além disso, sugere um distanciamento da capacidade e da aptidão existentes nos seres humanos. Segundo Dias (2013, p. 2), “capacitismo é a concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir as próprias vidas” (CARPENEDO; MARQUESAN, 2021, p. 50).

Da disruptura com esse imaginário emergem questionamentos e reflexões bastante pertinentes, quando se pergunta “Porque família acha, pensa que sabe tudo sobre o surdo?”...sabe...sei que é difícil...agora, pensar que o surdo não sabe nada...surdo tem muita experiência, cultura, inteligência, coragem, não tem medo de confronto” <https://youtu.be/RjItlVQOtfQ> nos remete ao necessário exercício de escuta dos protagonistas dessas histórias, ao exercício político de como diz SILVA et al(2021) nomear e visibilizar violências sofridas socialmente.

Quando Oxum compartilha “Eu sou surda e tenho o direito de ser surda! ... a opressão, o preconceito que a família coloca no surdo ao dizer que é chato, é ruim...é isolamento, significa exclusão. E isso não pode, é preciso união, carinho, troca, paciência” <https://youtu.be/RjItlVQOtfQ> nos traz essas denúncias de cerceamento de suas capacidades e seu poder de exercer sua existência. O que a faz constantemente afirmar seu poder de exercer diversos papéis independentemente de sua condição linguística. Claramente podemos perceber isso ao declarar

“ De minha filha sei tudo, sei da roupa, sei levar na escola, médico, quando tem febre, Porto Alegre²⁵...mas minha família acha que eu não sei nada, que tudo é difícil, que é necessário estar sempre junto. Precisa é estar junto com a mãe, sou responsável, Não pode é me menosprezar, me excluir da relação que é de nós duas.” <https://youtu.be/0SFmee6WNFM>

Ao se colocar politicamente enquanto surda, com uma identidade surda onde impera a diferença, também emerge de suas narrativas como nos coloca Perlin (2010) a necessidade de

²⁵ Quando Oxum fala Porto Alegre está se referindo às viagens que faz sozinha com a filha, para lazer ou convivência da menina com a família paterna.

intérpretes, de educação diferenciada, de língua de sinais, etc.

“*Antes aqui, em Caçapava, não tinha intérpretes, Não era obrigatório ter intérpretes*”. <https://youtu.be/vNC-M8dM-Qo>. Desta colocação, há uma evidente comparação entre seu período de escolarização e a sua atual imersão neste território. Quando relembra a primeira intérprete que teve contato na escola Cóser, durante curso de formação realizado pela profissional, passando pelo encontro com a intérprete que a auxiliou no seu regresso ao recente grupo de profissionais que atuam ou estiveram em atuação na cidade ou redondezas. “*Estou muito, muito feliz!*” ... “*Porque precisa chamar intérprete médico, no hospital, grávida²⁶, dentista, farmácia, família, banco, precisa intérprete*”. <https://youtu.be/vNC-M8dM-Qo>

Fundamental o papel desempenhado pelos profissionais intérpretes de LIBRAS na garantia de acessibilidade e inclusão para a comunidade surda. Oxum nos remete a essa importância não apenas para mediação linguística dos espaços onde a língua predominante é a oral mas principalmente para auxiliar na promoção e participação política dos surdos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e compreendidas em contextos políticos.

Ao viabilizar com que o surdos exercitem uma política surda pela luta de seus direitos e interesses, buscando por igualdade de oportunidades, acessibilidade linguística, inclusão social, também proporcionam empoderamento e autonomia para participar ativamente das decisões políticas que afetam suas vidas.

Quando se pensa nessa atuação do profissional e a efetiva participação dos surdos gerada por este exercício dentro desse território, vemos o papel significativo exercido por esse profissional e a necessidade de que esteja em todos espaços públicos. Os intérpretes de LIBRAS, a política surda e o território estão intrinsecamente relacionados na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária para a comunidade surda, promovendo a participação política e o reconhecimento da cultura e identidade surda.

Entende-se território como um espaço físico ou simbólico onde a comunidade surda pode expressar sua cultura, identidade e reivindicações políticas. Espaço de pertencimento, de representatividade e autonomia onde possam se organizar, discutir suas demandas e promover sua identidade e cultura. Ainda sobre a notoriedade da atuação dos intérpretes e o exercício da

²⁶ O sinal de grávida aqui foi usado para se referir ao acompanhamento Pré natal, inacessível em LIBRAS às surdas gestantes do município.

cidadania pelos surdos, garantido pela acessibilidade linguística, Oxum nos aponta fragilidades e aspectos que ainda precisam ser melhor trabalhados socialmente. Apesar de toda legislação, que assegura direitos existem lacunas na garantia dos mesmos que emergem das narrativas da interlocutora.

“Agradeço a XXXX, por ter interpretado uma chamada para entrevista de emprego. Lutei já, não adiantou...quando retornei a Caçapava, tentei por dois anos, distribuindo currículos. ²⁷Lutei pelo meu direito. Precisa direito surdo!Pessoas fizeram pouco caso ou menosprezaram meu currículo no centro. É Lei. É dever do trabalho.” <https://youtu.be/vNC-M&dM-Qo>

Ao colocar a restrição de acessibilidade linguística no ambiente de trabalho, pontua as dificuldades de compreensão enfrentadas, colaboração limitada e o restrito desempenho profissional enfrentado pelos surdos. No Brasil, a Lei de Cotas (Lei nº 8213/91), em seu artigo 93 estabelece que as empresas com 100 ou mais funcionários são obrigadas a contratar beneficiários reabilitados do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS ou pessoas com deficiência em uma porcentagem que varia de acordo com o número total de empregados. Através dessa regulamentação, as empresas são incentivadas a criar políticas inclusivas e garantir adaptações razoáveis para acomodar as necessidades específicas desses profissionais. Na prática, a funcionalidade e os fluxos são ainda conduzidos de forma pouco rigorosa. No vídeo 12, nossa narradora aborda diferenças de procedimentos e estruturas organizacionais nas diferentes empresas trabalhadas, assim como cada uma delas cumpre o que a legislação prevê em relação aos recursos de acessibilidade e direito linguístico (intérpretes, uso de legendas em vídeos, sinalização física) uso e difusão da LIBRAS.

“Aqui no meu trabalho (faz o sinal referente em LIBRAS para empresa) difícil. Não tem comunicação. Comunicação em LIBRAS, não. Comunicação...paciência pela escrita. Falo pouco, comunico pouco. Precisa aprender LIBRAS...luta difícil. Como no meu ex trabalho?...Sabia tudo, me ensinavam. Aprendia visual. Hora certa do ponto. Tudo. Na limpeza ...os colegas me ensinavam e eu aprendia. Sozinha eu trabalhava com ânimo. Tinha protagonismo e coragem de enfrentar as dificuldade do trabalho usando LIBRAS, isso causava admiração”
<https://youtu.be/Su80Koe88zE>

E segue com observações e indagações quanto às disparidades comparativas:

²⁷ A referência ao centro está ligada ao comércio local localizado na região central do município.

“Ex (sinal da empresa) XXX (soletrado), ônibus...ex trabalho em Santa Maria, muitos surdos, em vários setores, computadores, limpeza, manutenção. Primeira entrevista XXX, tinha dois intérpretes, em frente aos surdos, mediando. Consegui, chamaram para trabalhar. Seis anos. Nós surdos nos relacionávamos felizes. Batemos papo, trocamos informações, aprendizados, nos desenvolvemos. Pedi pra sair porque engravidei. Segunda empresa de sapatos XXXX, era a única surda em meio a todos ouvintes, e eu adorava, queria aprender LIBRAS. Feliz, respeitavam surdo. Direitos respeitavam, eu gostava. Fiquei um ano na cidade de Agudo. Um ano e pedi pra sair. Aqui Caçapava, dois anos, primeira surda no trabalho. Única surda, todos ouvintes. Sabem LIBRAS, Não. Difícil a comunicação. Comunicação é oral. Há dois anos trabalho na limpeza. Eu gosto de trabalhar aqui, mas falta LIBRAS. Amo compartilhar. Fico triste. Gosto de fazer essas trocas. Há dois anos tento me posicionar com coragem. Colegas me falaram precisa LIBRAS vídeo dia das mães, dia do trabalho, natal...mas aqui Caçapava precisa continuar lutando pelos direitos surdos. Nunca, nunca ...todos os surdos acostumam não. Precisa direitos, lutar pela compreensão.” https://youtu.be/s_CyG1BPKzY

Deste ponto do seu discurso sobre empregabilidade inclusiva, Oxum coloca a necessidade das empresas organizarem-se e a imperativa urgência de assumirem a responsabilidade de criar um ambiente de trabalho inclusivo, que valorize e respeite a diversidade e as necessidades dos surdos. Cita, por repetidas vezes que a formação e a educação e o investimento em programas como incluir aulas de língua de sinais, treinamento de equipes para apoio e suporte aos surdos nos setores de trabalho e a acessibilidade garantida com intérpretes de libras ou mesmo uso de legendas em vídeos tornaria melhor o ambiente organizacional e promoveriam o desenvolvimento de competências transversais, como liderança e resolução de problemas.

Os relatos anteriores nos trazem a necessidade do fortalecimento da comunidade negra e surda. Os enfrentamentos expostos nos fazem crer que surdos e negros enfrentam desafios adicionais no acesso e na permanência no mercado de trabalho, devido as condições específicas colocadas pela falta de mediação lingüística, descumprimento as legislações específicas e a falta de representatividade e discriminação sistêmica. Fortalecer essas comunidades através de programas de apoio, organizações de defesa de direitos e redes de apoio, pode ajudar a enfrentar e superar esses desafios.

Em outro trecho de memórias Oxum nos relatou tanto a falta de uma convivência maior

com outros pares quanto a inexistência de organizações de surdos.

“Aqui em Caçapava não há a criação de uma instituição própria de surdos ou grupo de surdos, criada, efetiva, combativa e isso é uma dificuldade. Precisa. Há mais surdos, surdos escondidos que precisam romper com o medo, a preocupação, ter coragem, se libertar ...porque as crianças precisam se desenvolver, sua cultura, inteligência, se sentir seguras”.
<https://youtu.be/4vGeiwmjPFU>

As associações de surdos mais que espaços de convivência e lazer são espaços organizados de pertencimento, fortalecimento mútuo, de construção de coletividade. Um espaço político de resistência, de luta e de vigia. Onde se compartilha a língua, as trajetórias e se planeja mudanças e melhorias coletivas a partir das experiências individuais. Como nos coloca Frazão (2017, p.134), reitera-se que estas ações foram possíveis pela história de luta e de organização das comunidades surdas, que, por meio do conhecimento e da experiência partilhada pelos diferentes atores coletivos existentes, puderam projetar ações coletivas futuras, como os movimentos para o reconhecimento da Libras e pela defesa da educação bilíngue para surdos(...) o direito dos surdos serem reconhecidos como minoria socioculturais e linguísticas.

Oxum nos coloca essa importância do encontro, desse espaço organizado das associações na luta por igualdade de direitos e acesso a serviços para a comunidade surda. Elas advogam por legislação e políticas que garantam a acessibilidade e a inclusão em áreas como a educação, emprego, saúde e comunicação.

Associações trabalham para combater a discriminação e o preconceito que muitas vezes enfrentam na sociedade. Preservam e promovem a cultura surda com a organização de eventos culturais, como festivais, exposições e apresentações artísticas, que celebram a língua de sinais, a história surda e as conquistas da comunidade surda. Essas atividades ajudam a fortalecer a identidade surda e a reafirmar a riqueza e a diversidade da cultura surda. Podem atuar como redes de apoio e recursos às famílias e fornecer orientação e aconselhamento em questões relacionadas à surdez, como educação, comunicação, tecnologia assistiva e emprego. Nesse sentido aparece em seu discurso, a falta que esse apoio/suporte/orientação que o grupo pode proporcionar e facilitar deslocamentos e gastos desnecessários. Além de fortalecer a identidade surda e a diversidade dentro da surdez.

“Eu uso aparelho sim. Procurei em vários lugares: Santa Maria (UFSM). Fiz uma busca

sofrida. Porto Alegre, Bagé, até finalmente encontrar em Santa Maria. Frequentei fono. Porque aparelho, porque eu precisava de informação, barulhos da rua, os sons da família, os gritos e choros do bebê. De 2008 até agora, fazem 15 anos contínuos. Se eu tiro e guardo, não escuto nada. Quando fico muito agitada, coloco e me acalmo". <https://youtube.com/shorts/9hRTMiXre4>

A promoção e a defesa da identidade e dos direitos surdos são papéis cruciais que as associações podem desempenhar. A identidade política surda está relacionada à construção de uma consciência coletiva surda, na qual os indivíduos surdos buscam se reconhecer como uma comunidade com interesses e desafios compartilhados. As associações, grupos de surdos ou organizações que privilegiem o encontro, a troca de experiências e interesses comuns devem ser incentivadas e procuradas por todos os membros da comunidade surda (surdos, familiares, profissionais, amigos) como referência para discutir assuntos corriqueiros como o uso ou não de próteses auditivas.

Ao tocar nesse aspecto, nos faz considerar que seu uso é uma escolha individual que os surdos podem fazer como forma de acessar determinados sons e facilitar a comunicação oral. No entanto, é importante destacar que o uso de próteses auditivas não define a identidade surda.

A identidade surda é baseada na experiência de ser surdo, na comunicação visual, a cultura surda, que valoriza a língua de sinais, como preconiza Perlin (2003), é também interseccionada pela raça, etnia, gênero e religião. Ser surdos é uma experiência multifacetada, interseccional e ampla. Oxum nos faz pontuar em cada uma de suas narrativas e nas memórias emergidas as a necessidade de se pensar para além .

Quando sucessivamente afirma, sou surda e tenho direito de ser surda, sua fala traz uma potência de muitas vozes em seu discurso. Muitos enfrentamentos que afetam todos os aspectos do seu convívio social, incluindo o linguístico e outros nem sempre tão visíveis mas que corroboram na complexidade da engrenagem de sua existência. A luz da interseccionalidade de Collins, 2021. pode-se perceber como esse conceito é essencial na busca de entendimento pelo qual as categorias de raça, gênero, classe social, sexualidade, deficiência e outras formas de opressão se entrelaçam e se influenciam mutuamente na vida das pessoas. A Interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, 2021, p.15-16).

Para entender a trajetória de Oxum pela educação bilíngue no território de Caçapava

mediante suas memórias, apagamentos e pelas significações constituídas esse é o conceito adequado pois no contexto da interseccionalidade, a identidade política surda representa, apesar de não ser a única, uma experiência específica dos surdos, que enfrentam dificuldades e discriminações devido a sua surdez. Ou como nos coloca Campos e Bento:

A temática da identidade permeia todas as discussões na Educação Bilíngue para Surdos e Surdas, servindo como argumento desde a presença de adultos surdos na educação das gerações mais jovens até a escolha dos pais e mães pela abordagem escolhida nas suas relações comunicativas (CAMPOS; BENTO, 2022, p.3)

Durante toda narrativa de Oxum fica bastante nítido a centralidade da Língua e a essencialidade da Educação Bilíngue como aquela pensada para os surdos, com os surdos, respeitando sua história, sua diferença, sua cultura e suas inúmeras interseccionalidades. De sua fala emerge o papel que a educação tem que é o de proporcionar o desenvolvimento integral dos indivíduos, garantindo o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de habilidades sociais, bem como a finalidade maior que a educação tem de promover a formação de cidadãos responsáveis, críticos, autônomos e participativos na sociedade.

“Minha ex-escola Cóser, foi a primeira, porque é necessário aprender Português, Matemática, Geografia, Artes, Teatro e diversas outras. Precisa expandir o aprendizado, o conhecimento. Porque no futuro faculdade, futuro formação, futuro uma pedagogia, futuro possibilidades. Já terminei tudo Cóser. E foi muito bom, muito feliz com todos os surdos. Boas aprendizagens, muitas trocas, comunicação”. <https://youtu.be/4vGeiwjPFU>

Ao ter a finalidade da Educação objetivos como a formação humana do educando, transformando a escola em uma prática regular de vivências de cidadania, equidade, inclusão e socialização. Oxum nos reitera a importância tanto da educação em sua finalidade quanto a urgência de uma educação e escola para surdos. Sem deixar de nos colocar os enfrentamentos, as limitações, os apoios, a falta deles.

‘Na busca de escolas aqui em Caçapava, eu pensei e perguntei para um amigo, você estuda Cóser, Santa Maria, avisa nada, eu não sabia. Escola manhã, tarde e noite, muito surdos, legal. Pensei, escola inclusiva, ouvintes ruim. Pedi na prefeitura, conversei²⁸. Perguntei ao meu

²⁸ Através da LEI N°2742, DE 10 DE MAIO DE 2011 o Poder Executivo Municipal concede auxílio financeiro para transporte de Estudantes Universitários de Caçapava do Sul para Universidades da região e dá outras providências. Esta é a referência de Oxum ao pedido feito à prefeitura, transporte.

pai sobre ir a Santa Maria, estudar. Quero estudar Santa Maria Cóser. Muitos surdos. Meu pai ficou em dúvida, mas concordou. Fomos juntos a casa da mãe do meu amigo XXX, conversar. Ela detalhou ao meu pai, ele se surpreendeu. Achou bom. Lá há muitos surdos, uma comunidade surda, muito estudo. Todo ensino básico, nos três períodos, manhã, tarde e noite. Livre escolha. Pedi à prefeitura o ônibus para me deslocar. Meu pai aceitou. Eu sozinha. A Família ajudou, não. Resolvi sozinha. Foi sofrido. Desafiador. A mãe de XXX, muito obrigada por me ajudar. Fui estudar. De 2011 a 2016. Em 2011 levei meus documentos, entre outras coisas, me matriculei e comecei a estudar. Fiz do 6º ao 9º ano, tudo à noite. Todos os surdos que conheci, eu gostei, se apresentavam com sinal, diziam onde moravam, sua cidade, compartilhamos. Foi muito bom os conhecer, fiquei encantada. No Cóser foi a primeira vez, fiquei espantada com a quantidade de surdos. Fiquei muito emocionada e feliz, muito feliz. Amei essa partilha, essa aquisição. Me deu alegria expandiu meus horizontes. Foi ótimo. Em 2016 me formei. Finalizei esse período. Sinto imensa saudade de todos os amigos, todas as trocas.” <https://youtu.be/6WYsR-qtWP4>.

Quase ao fim de suas narrativas e talvez a mais aguardada de suas facetas por esse pesquisadora, revive sua trajetória pelo território negro em que vive, sua terra. Nos conta um pouco de seus apagamentos, vivências e dores. Enegrece esse território a luz de suas experiências e questões relacionadas à população negra, aos enfrentamentos ao racismo e a discriminação. Em sua fala, não declara a negritude e diz não ter sofrido abertamente nenhuma ação preconceituosa por ser negra. Embora saiba e já tenha experienciado manifestações de intolerância e racismos com surdos negros.

“Desconheço comunidade surda negra ...não sei sobre “negro”. Todos surdos gostam surdo negro. Mas não sei sobre história negro. Não estudei. Mas existe preconceito com surdos, com negros, ofensas racistas. Entendo que somos todos iguais, negros, brancos. Cor da pele. Porque professores amorosos comigo. Negros, morenos, todos amorosos, muito lindo. Lembro 20 novembro, consciência negra, comemora negritude, muito lindo. Parabéns. Eu penso que todos surdos iguais, negros, morenos” <https://youtu.be/nXVkt6Hp3B8>

Desses “Eu não sei” emergem algumas muitas reflexões ocultas ou não pensadas até aqui. Até este ponto de suas narrativas as questões linguísticas foram trazidas como uma mola mestra porém, outras muitas se entrelaçam e a constituem e tornam sua trajetória como uma referência

importante para a educação e o ensino de surdos nesse território. Quando se trata do não-dito, do implícito do discurso, coloca-se em questão a sua incompletude, lembrando que todo discurso é uma relação com a falta, o equívoco, já que toda linguagem é incompleta (Miolo, 2008, p.41). Para além da língua, vive uma interlocutora de discurso pulsante e silencioso que nos mobiliza, como sugere Campos e Bento (2022, p.3), colocar em foco inquietações subjacentes às lacunas epistêmicas relacionadas aos aspectos interseccionais entre raça e surdez na educação de surdos e surdas, fugindo da dicotomia Surdo X Ouvinte.

Existem alguns significados ocultos que podem estar presentes no não discurso sobre o ser surda negra dentro da educação de surdos. Oxum ao visitar suas memórias nos coloca o “Não sei história negro” na escola, tornando evidente a falta de um olhar mais efetivos sobre as questões étnico-raciais dentro da educação para surdos. A escola bilíngue, embora seja um espaço privilegiado de ensino, ainda precisa,

[...] (re)pensar sobre aspectos multiculturais que vão além de aspectos linguísticos como a pauta da interconexão entre gênero, raça, sexismo, misoginia e surdez. Esses campos epistêmicos são ainda negligenciados pelos estudos interseccionais, principalmente na educação básica dos surdos. As discussões seguem focalizadas em eventos acadêmicos que não contam com a plena participação de jovens negros surdos da educação básica, sobretudo do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio. Dessa forma, perpetua-se a não visibilidade do tema negritude no segmento (CAMPOS; BENTO, 2022, p.5).

A invisibilidade social enfrentada pelo negros surdos, aparece quando diz, “todos os surdos gostam dos surdos negros”, essa diluição da negritude dentro da surdez indica que a experiência de ser surdo negro não estão sendo reconhecidas e valorizadas dentro da comunidade surda e da educação de surdos. Não apenas uma invisibilidade em relação a corporeidade desses sujeitos, como também a negação de sua história, vozes, cultura. A própria falta de representatividade dentro da escola, de profissionais negros ou mesmo outros negros pode demonstrar um racismo internalizado dentro da própria comunidade surda, o que acaba num processo de reprodução de subalternidades, impedindo discussões abertas sobre suas experiências e necessidades. O foco excessivo na surdez, na diferença linguística, em detrimento de outras identidades surdas, outras interseccionalidades pode levar a uma falta de compreensão e apoio adequados aos desafios, específicos enfrentados pelos surdos negros.

O acesso desigual à educação e as disparidades em números da população negra, mostram a fragilidade das políticas públicas na área e a incipiente discussão sobre a educação de surdos e

ainda menos especificidades da educação dos surdos negros nesse território. Quando Oxum nos coloca “desconheço comunidade surda negra “, ela nos coloca que a falta de uma coletividade de sujeitos que lutam por igualdade e justiça social deixa de dar voz e empoderar as pessoas surdas negras a se expressarem e a se orgulharem de sua identidade e cultura. Lutar por direitos é uma forma de fortalecimento pessoal e coletivo, permitindo que os indivíduos se sintam valorizados e capacitados para enfrentar os desafios que enfrentam. Novamente seu “não sei” nos indica uma sapiência, que ainda os movimentos sociais negros não estão aptos a interseccionar suas lutas as da surdez, embora suas lutas sejam em parte equitativas, os surdos negros ainda estão em um “não lugar” privilegiado de debates.

Os reflexos dos problemas de vulnerabilidade e de não pertencimento aos movimentos negros vão, desde à violência comunicacional pelo não asseguramento ao direito à educação básica bilíngue (Libras/ Português como segunda língua), até a dificuldade de acesso a serviços públicos básicos de saúde, como consultas médicas.

Para a grande maioria dos surdos negros e da própria interlocutora

O envolvimento sociopolítico do negro surdo é dificultado pelo processo histórico de exclusão, epistemicídio e assujeitamento, que marcam a construção das subjetividades desses corpos atravessados por vias interseccionais de gênero, raça e surdez (CAMPOS; BENTO, 2022, p. 10)

O assujeitamento refere-se à maneira como as estruturas e sistemas de poder influenciam e moldam as identidades e subjetividades das pessoas, impondo formas específicas de comportamento, pensamento e existência. No contexto da identidade política surda, o assujeitamento pode se referir às formas pelas quais a sociedade ouvinte impõe um modelo de normalidade auditiva como padrão dominante, desvalorizando as experiências e perspectivas surdas. Bem como ser reproduzido dentro da própria comunidade surda uma negação ou marginalização das experiências e identidades surdas. Porém, é importante ressaltar que o assujeitamento não é um processo unidirecional e passivo. As pessoas também são agentes ativos tanto na reprodução quanto na resistência às formas dominantes de assujeitamento.

A Lei nº 10.639/03, que trata do ensino de história e da cultura dos negros brasileiros, assim como de conteúdos relacionados ao continente africano, foi um ganho extremamente significativo do movimento negro brasileiro. No entanto, as discussões sobre a temática de história e culturas negras estão longe de serem alcançadas pela comunidade escolar surda negra, posto que “surdos negros estão apartados dos movimentos sociais

negros, ao nível de nem saberem que existem” (Pereira; Pereira, 2013, p. 146) In Campos; Bento, 2022, p.10).

Ao se referir a data do 20 de novembro, como Dia da Consciência Negra, não é possível precisar que o conhecimento que tem sobre negritude e cultura negra, seja fruto da execução de uma proposta de educação étnico-racial. Suas vivências são resultado de sua imersão nos espaços de resistência, poder, cultura e educação não formal do clubes social negro caçapavano Clube Recreativo Harmonia e do Grupo Clara Nunes, Teatro, Dança e Cultura Afro-Brasileira.

“No Clara participei dos 13 aos 20 anos. Foi uma tradição familiar passada de geração a geração. Como?? Eu sentia. Eu ouvia, sentia movimentos, sentia as vibrações”. Às colegas da frente eu ficava perto e as copiava. As vibrações eu sentia e ouvia. Também os lugares, as cidades, as viagens, eu gostava. Me senti empoderada, corajosa. Conheci Pelotas, Bagé, Porto Alegre, Santa Maria. Foi muito legal viajar, eu gostei. As datas festivas, as comemorações. Dos 13 aos 20, encerrei. Para minha filha, contei minha história de vida, ex Clara. E ela quis copiar. Clara, dança junto com as colegas crianças e perpetuando a aprendizagem...”
<https://youtu.be/FS2zBX1t8PU>

Desse ponto da sua fala, emerge a ancestralidade e a força das suas raízes negras e transmissão da cultura, do pertencimento, da história. A ancestralidade manifestada na dança afro-brasileira, tanto na forma de como a dança é executada quanto nos significados e simbolismos atribuídos a ela é profundamente enraizada nas tradições e nas histórias dos antepassados africanos trazidos para o Brasil durante o período da escravidão. Quando Oxum nos diz que “sentia”, fica visível que sentia a ancestralidade nos movimentos, nos elementos e características das danças tradicionais africanas. Movimentos enérgicos que exibem ritmos, gestos e expressões e são passados de geração em geração, mantendo viva a conexão com as raízes ancestrais.

Ao afirmar que ouvia, e isso é possível pois Oxum, como a maioria dos surdos, tem resíduos auditivos, a música, parte fundamental das danças afro-brasileiras e os ritmos utilizados são derivados das culturas africanas trazidas pelos escravizados. Esses ritmos, como o samba, o maracatu, o maculelê, a capoeira, entre outros, são tocados com instrumentos tradicionais e transmitidos através das gerações, carregando a memória e ancestralidade dos povos africanos.

As danças afro-brasileiras também carregam uma série de símbolos que representam as

divindades africanas, os orixás. As roupas, adereços e objetos utilizados nas danças são muitas vezes carregados de significado e simbolismo, conectando os praticantes com suas raízes e crenças ancestrais. A própria história das danças afro-brasileiras é um testemunho vivo da ancestralidade. É uma forma de resistência e celebração das culturas africanas trazidas ao Brasil pelos escravizados, e foram desenvolvidas e preservadas ao longo dos séculos, transmitindo as memórias e tradições dos ancestrais.

No contexto das danças afro-brasileiras, a ancestralidade é honrada, celebrada e preservada, proporcionando uma conexão com as raízes históricas e culturais dos povos africanos que contribuíram para a formação da identidade brasileira.

Considerando que os ensaios do grupo foram e continuam sendo no Clube Harmonia, clube social negro, segundo Escobar (2010), “lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial”. Os clubes sociais negros podem ser entendidos como espaços de educação para as relações étnico-raciais e preservação da cultura afro-brasileira, pois desempenham um papel fundamental na promoção da identidade e do orgulho racial. Esses espaços proporcionam um ambiente de acolhimento, de pertencimento e de empoderamento para pessoas negras.

Em termos de educação para as relações étnico-raciais, os clubes sociais negros promovem a reflexão e o debate sobre as questões relacionadas à raça, preconceito, discriminação e as suas influências na sociedade. Por meio de palestras, seminários, workshops, cursos e atividades educacionais, eles ajudam a disseminar informações e conhecimentos sobre a história, a cultura e a contribuição dos afro-brasileiros para o país. Além disso, promovem a conscientização sobre o racismo estrutural presente na sociedade e incentivam a busca por igualdade de oportunidade.

Longe de esgotar qualquer análise, ou ingenuamente tentar definir a complexidade das memórias e os apagamentos de Oxum, sua trajetória, interseccionalidades e subjetividades nessa terra, coloca-se um ponto e vírgula para o que ainda “não sei”, não sei verbalizado, não sei ainda não refletido, o não sei curado ou ainda cheio de dores.

Entendemos que sua trajetória enquanto surda negra, pode ser entendida como componente desse território negro caçapavano. O território negro refere-se a um espaço físico, cultural e social onde a população negra vive, interage, compartilha suas experiências e lutas por direitos e reconhecimento. Dentro desse contexto, Oxum e os surdos negros têm suas próprias vivências e desafios específicos, que são moldados tanto pela sua surdez quanto pela sua

identidade racial. Suas trajetórias individuais e coletivas contribuem para a constituição e representação desse território negro, promovendo uma maior diversidade e representatividade dentro do movimento negro e das questões relacionadas à inclusão e acessibilidade para as pessoas surdas.

A história da comunidade negra surda brasileira se vê interceptada pelo distanciamento dos sujeitos, que ignoram as consequências de sua negritude na sua atuação social. O ser surdo que transpassa toda a vida do sujeito, porém, não é o suficiente para o autoconhecimento; assim, as pessoas negras surdas não são contempladas na maioria das demandas da comunidade surda. (CAMPOS; BENTO, 2022, p. 15).

Ao levar em conta as experiências e necessidades específicas desses indivíduos, a educação de surdos pode ser mais rica, mais contextualizada e mais bem adaptada para atender a diversidade presente nessa comunidade.

Reflico e por ora coloco reticências para como diz Oxum “não é um discurso longo...é um resumo, porque é difícil para mim...muitas coisas. Cansada, cuidados com minha filha, cuidados, trabalho, muitas outras coisas...só uma pausa”.

6 INCONCLUSÕES

Ao iniciar esta pesquisa, esperava-se como resultado trazer a superfície as memórias e os apagamentos da trajetória da educação de Oxum, nossa interlocutora, uma surda negra com vivências na educação bilíngue em Caçapava do Sul, buscando saber quais memórias seriam acionadas nesse território pretensamente negro e surdo. Como seria constituído e significado, e mais, intersecciona-las como a educação para as relações etno-raciais. Digo espera-se, pois minha premissa foi se reconstituindo ao decorrer da coleta dos dados e análise obtidos nas entrevistas. De suas narrativas emergiram tantas outras perspectivas que ainda carecem de serem “ouvidas”, acolhidas e encaminhadas para a educação dos surdos que ocupam esse lugar. A começar pela escuta dos sujeitos desse processo educacional, suas histórias, constituições, atravessamentos.

Deparei-me sobremaneira com a narrativa da “falta”. Falta e incompletude. A falta de discussão sobre as questões étnico-raciais na educação de surdos é tema não pontuado, sequer cogitado como uma necessidade de atravessamento na educação de surdos. Assim como para a educação de surdos negros. E aqui abrem-se parênteses para acrescentar fragilidades bastante importantes. A primeira: quando se trata de discussões ou construção de políticas públicas que versem sobre a educação no município de Caçapava do Sul, a educação de surdos ou foi tratada como subárea da educação especial inclusivista e sem entendimento da surdez enquanto experiência visual e diferença linguística ou ainda se encontra em processo de consolidação e estruturação como uma área efetiva da educação, que precisa ser visibilizada. E, em nenhuma dessas afirmações há uma representação formal constituída, que possa levar os anseios e demandas deste grupo social as esferas superiores como os Conselhos Municipais de Educação que exercem papel de articuladores e mediadores das demandas educacionais junto aos gestores municipais e desempenham funções normativa, consultiva, mobilizadora e fiscalizadora. Segundo, não houve, ou não foi possível identificar, uma organização social formal como uma associação de surdos na qual a comunidade surda local, fortalecida no coletivo, pudesse participar e exigir do poder público sua representação política junto às demandas específicas das diversas esferas administrativas.

Ao analisar a trajetória de Oxum vimos que seu processo de escolarização foi marcado

pelos ecos de significativas mudanças políticas, legislativas, sociais, educativas e metodológicas. Durante o período compreendido entre o início da década de 1990 a 2016, período em nossa interlocutora frequentou a educação básica, pode-se verificar alguns dessas modificações, a saber:

1ª) Políticas:

- Ratificação da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência em 2008, que inclui os surdos e ressalta a necessidade de acessibilidade e igualdade de oportunidades.

- Criação de leis e políticas de inclusão e acessibilidade, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) no Brasil e o Americans with Disabilities Act (1990) nos Estados Unidos.

- Reconhecimento e legitimação da LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira e que o poder público deve fornecer meio para o uso e difusão da Libras no Brasil. Lei 10.436/2002. E o Decreto 5626/2005 que a regulamenta, reconhecendo a Libras como primeira língua dos surdos e a língua portuguesa escrita como segunda língua. Estabelece a obrigatoriedade de oferta e acesso à Libras na educação. Prevê a formação de profissionais como tradutores intérpretes de libras e dá outras providências.

2ª) Educação:

- Surgimento de escolas bilíngues de surdos, que utilizam a língua de sinais como meio de instrução, primeira língua e a língua portuguesa escrita.

- Ênfase na inclusão e integração de estudantes surdos em escolas regulares, com o apoio de intérpretes e tecnologias assistivas.

- Maior disponibilidade de recursos educacionais voltados para surdos, como materiais didáticos adaptados, softwares e aplicativos desenvolvidos especificamente para auxiliar o aprendizado.

3ª) Sociedade:

- Ampliação da consciência e do conhecimento sobre a cultura surda, bem como a valorização da identidade e dos direitos dos surdos.

- Melhorias na acessibilidade, com a disseminação de recursos como intérpretes de língua de sinais em serviços públicos, legendas em programas de televisão e cinema, entre outros.

- Crescimento de organizações e movimentos em defesa dos direitos dos surdos, buscando

combater a discriminação e promover a inclusão e a igualdade de oportunidades.

De todas as mudanças elencadas e de acordo com as narrativas de Oxum, a terceira grande fragilidade, aqui apontada, mesmo com toda latente transformação educacional, seu período inicial de escolarização refletiu não só a falta de metodologia de ensino adequada a educação de surdos, a privação linguística, a falta de formação de profissionais qualificados para atuar na área, a falta de profissionais e o conseqüente abandono ao ensino regular. Importante destacar que o compromisso educacional esteve em proporcionar, o acesso, a inclusão social, não em garantir a permanência.

Ao acessar a Educação bilíngue, na escola de surdos, Oxum nos relata em suas narrativas o quão benéfico e saudável foi para sua constituição individual, identificar-se como tendo uma diferença linguística. Lhe permitiu acesso à sua própria língua e cultura, fortalecendo sua identidade como pessoa surda e sua conexão com a comunidade surda. Ao aprender Libras como primeira língua, pode comunicar-se de forma mais natural e efetiva, tanto com outros surdos quanto com ouvintes que também conheçam a língua de sinais. Ao adquirir a língua, de forma natural, desde tenra idade, surdos como ela têm a oportunidade de desenvolverem-se através da visualidade e terem mais sucesso em sua alfabetização. Ao utilizar Libras como primeira língua, os surdos têm maior acesso à informação e ao conhecimento transmitido na escola, facilitando sua aprendizagem e participação nas aulas.

Com educação bilíngue permite-se que os surdos desenvolvam habilidades cognitivas, como pensamento crítico, resolução de problemas e raciocínio lógico, em sua língua natural. Ao ter a Libras como base, os surdos podem aprender a Língua Portuguesa de forma mais efetiva, já que possuem um meio de comunicação estabelecido e uma base linguística sólida.

A educação bilíngue ajuda a quebrar barreiras de comunicação entre surdos e ouvintes, promovendo uma maior inclusão social e uma maior compreensão mútua entre esses grupos. Ao ter acesso à educação bilíngue, os surdos se sentem mais capacitados e empoderados para defender seus direitos, exercer sua cidadania e enfrentar os desafios da vida cotidiana. Além de possibilitar a construção de um espaço de resistência consolidado em seus territórios.

De sua trajetória trazida à memória, é ressaltado que a educação bilíngue não se trata apenas da inclusão da língua de sinais como auxiliar na comunicação, mas sim de proporcionar um ensino de qualidade que respeite e valorize a diversidade linguística e cultural dos surdos. Exatamente desse ponto de seu discurso surgem apagamentos e mais uma fragilidade desse

processo de ensino. Centrada na língua, a educação dos surdos tem pecado em não interseccionar a educação, categorias como raça, gênero, classe social. Especificamente da narrativa de Oxum a categoria raça, identidade negra aparece tão diluída em tantas formas de opressão e cerceamento que não consegue sequer aperceber-se como duplamente implicada. De seu discurso, le-se nas entrelinhas epistemicídios sucessivos ao longo de sua trajetória justamente por esse marcador social ser colocado em detrimento das condições básicas de sua educação (língua, currículo, intérpretes, recursos assistivos entre outros).

No contexto da educação de surdos negros, o apagamento significa a não consideração de suas experiências raciais, perspectivas e contribuições no currículo e nas práticas pedagógicas. gerando silenciamentos, minimizações e ou a exclusão de suas histórias e culturas na narrativa educacional. Isso nos leva a mais uma fragilidade educacional apontada por nossa interlocutora a falta de representatividade e inclusão, dentro da comunidade negra do seu território, perpetuando assimetrias de poder e opressões. Agora, não pela raça, mas por ser desconsiderada as questões linguísticas implicadas, a falta de acessibilidade no acesso à cultura negra tradicionalmente oral acontece pelo desconhecimento da Língua de Sinais e pela não disponibilidade de tradutores intérpretes nesses espaços que dominem a cultura afro ou que também sejam negros e tenham este território como seu.

Oxum, nos coloca coloca as dificuldades enfrentadas nos espaços onde sua identidade negra é reverenciada e cultuada. Sua inserção no grupo Clara Nunes nos aponta que a tradição do repasse das informações culturais, sociais e ancestrais eram transmitidas oralmente, de geração em geração, pelo Griô local e os mais velhos. Dentro da cultura negra esse ato respeitado e fortemente recomendado, sem a acessibilidade linguística torna-se doloroso e desqualifica em parte a educação, historicidade e a identidade negra ali em vivência. Pelos canais de veiculação dessa oralidade que são a música, a dança, a história, os contos e os provérbios, afro-descendentes, africanos e brasileiros podem conhecer e entender suas origens e as contribuições dos povos africanos na construção e formação da identidade nacional do país em que vivem. E negros e surdos negros podem constituir-se como descendentes de um povo com história riquíssima e que precisa ser conhecida e respeitada.

Pela música, grandes fatos históricos e grandes nomes de heróis são imortalizados e, através dessas histórias do dia a dia, contadas, também, com sentido de educar a todos, pois a

maioria delas contém uma lição moral.

Pela dança, potente forma de expressão artística e perpetuação da cultura e educação, pois são responsáveis por manter vivas as tradições, costumes, rituais e manifestações culturais africanas trazidas para o Brasil. Também carregam uma poderosa carga espiritual, emocional e artística, além do entretenimento e diversão. Também a dança é uma importante fonte de conexão religiosa. Nela, o corpo é o instrumento de ligação com o mundo dos espíritos.

Acredita-se, dependendo do ritual, a dança deve ser executada com os pés descalços para promover a ligação do espírito com a terra. O ritmo é dado através de instrumentos de percussão e batiques de tambores é considerado elemento de passagem para o mundo espiritual para onde o participante é levado após um transe. A partir do estilo de dança africano evoluíram ritmos hoje bastante conhecidos, como a capoeira e o próprio samba. Curiosamente, ou não, as danças africanas também tem características muito similares à surdez: são muito visuais, muito expressivas, utilizam o corpo para comunicar e ensinar, para serem executadas necessitam serem organizadas em círculos, semicírculos ou fileiras e tem a participação de todos, independente da idade ou escala social na comunidade;

Pela História, os fatos sociais eram contados e dentro da sociedade africana tem enorme importância uma pessoa saber quem é. E, não há como saber sua identidade sem conhecer sua história. Pelo conceito de Sankofa os jovens africanos eram instruídos a saber sobre a história de sua tribo, de seu povo, sobre a sociedade, seus fundamentos, e os nomes importantes do povo.

Pelos contos, e fábulas, eram transmitidos explicações de forma lúdica e criativa sobre alguns fenômenos naturais. E, pelos provérbios, frases curtas, propícias à emoção, que possuem uma lição de moral, muito utilizados na África pelos anciãos, cujo peso é maior do que o registro escrito.

De todas essas fragilidade discutir uma educação que contemple as marcas identitárias da negritude e surdez, dentro do contexto educacional e na inserção desta temática nos currículos a partir das diferenças lingüísticas e culturais dos surdos como também das questões de negritude em uma educação antirracista, são necessárias e urgentes.

Embora os resultado das narrativas coletadas, aqui entendidas como fontes precisas em fornecer subsídios concretos para a reflexão a cerca de um plano educativo de acordo as identidades e o contexto geográfico e social da comunidade surda negra, não tenha sido concluso

com relatos repletos de narrativas onde a negritude fosse central. Desse apagamento contido em sua trajetória educacional mas presenciado e vivido em em seu cotidiano, pela sua inserção nos territórios negros caçapavanos, onde grande parte sua de vida aconteceu, pode-se concluir que este território também é surdo, De vivência e significação desse espaço por Oxum e com o reingresso nele pela inserção de sua filha a ancestralidade negra, ele pode ser entendido como um lugar de resgate e fortalecimento da identidade surda negra. Dentro desse contexto, surdos negros têm suas próprias vivências e desafios específicos, que são moldados tanto pela sua surdez quanto pela sua identidade racial. Sua trajetória individual e coletiva contribue para a constituição e representação desse território negro, promovendo uma maior diversidade e representatividade dentro do movimento negro e das questões relacionadas à inclusão e acessibilidade para as pessoas surdas.

Inconcluo assim, através das memórias e apagamentos de Oxum, surda negra em Caçapava do Sul, que de sua trajetória nos possibilita pensar e repensar a educação de surdos. Ao trazer à tona a interseccionalidade entre a surdez e a negritude e suas identidades e as diversas formas de opressão enfrentadas, Oxum nos adverte que a educação e o ensino de surdos, esteve e ainda pode estar focada em uma perspectiva linguística monocultural. Ao não inserir a intersecção de culturas outras que também constituem os sujeitos da educação bilíngue surda, pode excluir a cultura e a identidade racial de surdos negros. Ao levar em conta as experiências e necessidades específicas desses indivíduos, a educação de surdos pode ser mais rica, mais contextualizada e mais bem adaptada para atender a diversidade presente nessa comunidade. Dessa forma, a trajetória Oxum pode ser uma inspiração para repensar práticas e políticas educacionais, buscando garantir que todas as vozes e identidades sejam representadas e respeitadas neste processo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Ed. Polen. São Paulo, 2019.

BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís - MA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/641264>. Acesso em: 9 ago. 2023.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010. Tabela 3425 - População residente por tipo de deficiência, segundo a situação do domicílio, sexo e os grupos de idade. Amostra características da população. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3425#resultado> Acesso em: 17 jan.2022

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010. Tabela 2112 - População residente por tipo de deficiência e cor ou raça. Amostra características da população. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2112> Acesso em: 17 jan.2022

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2022. Panorama. Disponível em : <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR> Acesso em 11 abr. 2024

CAÇAPAVA, Gazeta de. **Clube Recreativo Harmonia completou 49 anos**. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadecacapava.com.br/clube-recreativo-harmonia-completou-49-anos/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Câmara de vereadores de Caçapava do Sul**. Disponível em: <https://cacapavadosul.rs.leg.br>. Acesso em 23 abr. 2024.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Forte D. Pedro II**. Disponível em: <https://cacapavadosul.rs.gov.br/turismo/visualizar/id/1006/?forte-de-d-pedro-ii.html>. Acesso em 15 mar. 2023.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei Municipal 770, de 09 de abril de 1996**. Institui o Estudo da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas municipais. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/cacapava-do-sul/lei-ordinaria/1996/77/770/lei-ordinaria-n-770-1996-institui-o-estudo-da-historia-afro-brasileira-nas-escolas-municipais-deste-municipio>. Acesso em 15 mar. 2023

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei municipal nº 1.213, de 19 de março de 2001**. Cria da Semana Municipal da Consciência Negra de Caçapava do Sul.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei nº 1224, de 17 de abril de 2001**. Doa um terreno ao Grupo de Dança e Cultura Afro-Brasileira Clara Nunes.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei nº. 3957, de 18 de junho de 2018**. Cria a Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial – COMPIR e dá outras providências.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei nº. 4087, de 22 de agosto de 2019**. Cria o Conselho Municipal de

Promoção da Igualdade Racial – COMUPIR e o Fórum Municipal de Promoção da Igualdade Racial dá outras providências.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei nº. 4108, de 23 de outubro de 2019.** Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da Administração Direta, nas entidades da Administração Indireta e no Poder Legislativo do Município de Caçapava do Sul.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Decreto nº 4441 de 11 de março de 2020.** Regulamenta o procedimento de heteroidentificação complementar à autodeclaração dos candidatos negros, para fins de preenchimento das vagas reservadas, nos termos da Lei Municipal nº 4.108, de 23 de outubro de 2019.

CAÇAPAVA DO SUL/RS. **Lei nº 2742, de 10 de maio de 2011.** Autoriza o Poder Executivo Municipal a conceder auxílio financeiro para transporte de Estudantes Universitários de Caçapava do Sul para Universidades da região e dá outras providências. Disponível em: <https://cacapavadosul.rs.leg.br/uploads/norma/21309/636textointegral.pdf>, Acesso em 07 ago. 2023.

CAMINHOS DO SUL. **Tema 2024:** da sementeira a mesa farta. Disponível em: <http://caminhosdosuldamerica.blogspot.com/p/projeto.html>. Acesso 20 jan.2023.

CAMPOS, Sandra Regina Leite & BENTO, Nanci Araújo. (2022). Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de surdos. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 38(1). <https://doi.org/10.1590/1678-460x202257202>

CARPENEDO, Rejane Fieke; MARQUESAN, Andressa. Capacitismo: Entre a Designação e a Significação da Pessoa Com Deficiência. *Revista Trama*. Volume 17. Número 40 Ano 2021. p. 45-55. e-ISSN 1981-4674. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199#:~:text=Trata%2Dse%20do%20capacitismo%2C%20express%C3%A3o,pessoa%20automaticamente%20%E2%80%9Cmenos%20capaz%E2%80%9D>. Acesso em 07 ago. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; Bilge, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORRÊA, André do Nascimento. **Ao sul do Brasil oitocentista:** escravidão e estrutura agrária em Caçapava 1821-1850. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de pós-graduação em História, RS, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9640>. Acesso em: 9 ago. 2023

CORRÊA, André do Nascimento. Organização domiciliar e escravidão no extremo sul do Brasil: Caçapava no século XIX. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2017. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6885?locale-attribute=pt_BR. Acesso em 07 ago. 2023

DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. **Revista Articulando e Construindo Saberes**, Universidade

Federal de Goiás, Goiás, 2020, v.5. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/racs/article/view/63860/35590>. Acesso em: 9 ago. 2023

DORNELLES, João Batista. Profissões exercidas pelos negros em pelotas (1905 - 1910). **História em Revista**. Pelotas, v.4, 95-138, dezembro/199. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/12019/7634>. Acesso em: 9 ago. 2023.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, RS, RS, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961>. Acesso em: 9 ago. 2023.

FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em:

<http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wp-content/uploads/2019/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FINAL-PRISCILLA-LEONNOR.pdf>. Acesso em: 07 Ago. 2023

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas Identitárias e Educação - Os surdos negros na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49810>. Acesso em: 07 Ago. 2023

FRAZÃO, Natalia Francisca. **Associação de Surdos de São Paulo: Identidade Coletiva e Lutas Sociais na cidade de São Paulo**. Ribeirão Preto, 2017. 141p. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras da Universidade de Ribeirão Preto. Educação. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-09112017-133947/pt-br.php>. Acesso em: 9 ago. 2023.

FREITAS, Maitê. **O que Oxum nos Ensina**. 2020. Disponível em:

<https://yam.com.vc/sabedoria/792924/oxum> Acesso em 24 jul. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., 13.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GRIÔ. **O que é Griô?** Lei Griô Nacional. [s.d] Disponível em:

<http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-griou/> Acesso em: 23 jan.2022.

HISTÓRICO. **Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul**. [s.d] . Disponível em:

<https://cacapavadosul.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html> Acesso em: 13 jul. 2021

HENRIQUES, Roberta Trindade. **Libras Básico I**. Projeto Educacional. Centro Educacional Portal do Pampa. Caçapava do Sul, 2017.

INCRA, identifica território quilombola em Caçapava do Sul (RS). **Coordenadoria Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas**. [s.d]. Disponível em:

<http://conaq.org.br/noticias/incra-identifica-territorio-quilombola-em-cacapava-do-sul-rs/> Acesso em: 06 de jan.de 2022

MINORIA. *In: Dicionários Porto Editora Online. Porto. 2023-2024. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/minorias>. Acesso 15 jan.2023.*

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó.2009

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. Artigo Língua de Sinais; Identidades e Processos Sociais Grupo de Estudos e subjetividades. *In: ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p. 14-23, jun. 2006.

LOPES; Luciane Bresciani; THOMA, Adriana da Silva. Discurso sobre a educação bilíngue na década de 1990 e efeitos nas políticas e práticas educacionais para surdos no presente. *In: II congresso internacional de educação inclusiva. 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_I_D3530_14102016230517.pdf. Acesso em: 9 ago. 2023.*

LUZ, Rádio Vinha de. **O que significa Aruanda? Onde fica?** São Paulo. 22 jan. 2019. <https://radiovinhadeluz.com.br/noticia/609471/texto-o-que-significa-aruanda-onde-fica> Acesso em 19 abr. 2024.

MARTINS, Gilberto Andrade Martins. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**. Volume 2. Número. 2. Ano 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34702>. Acesso em: 9 ago. 2023.

MAKTUB. *In: Significados de Palavras*, o seu Dicionário da língua portuguesa. [s.l] 2024. Disponível em: significadosdepalavras.com/maktub Acesso em 22 jan.2024.

MENDES, Cleiciane. Ancestralidade negra: O “corpo-memória” no espetáculo revoadas. **Mistura: Teatro, Produção e Memória**. Disponível em: <https://www.misturateatro.com/post/ancestralidade-negra-o-corpo-mem%C3%B3ria-no-espet%C3%A1culo-revoadas>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

MENEZES, Iara. Clube Recreativo Harmonia completou 49 anos. **Gazeta de Caçapava**. Caçapava do Sul, 11 de setembro de 2020. Disponível em:

<http://gazetadecacapava.com.br/geral/clube-recreativo-harmonia-completou-49-anos/> Acesso em 28 dez.2022

MIRANDA , Viviane Marques. Surdez com recorte racial: estado da arte no Brasil 2012-2017. **Revista Educação Especial**. Volume 32, 2019.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de Tupi antigo**: A Língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002808075>. Acesso em: 9 ago. 2023.

NETO, João Augusto dos Reis. Pensar-viver-água em Oxum para (re) encantar o mundo. **Revista Calundu**. Vol.4, n.2, Jul-Dez 2020. Disponível em :

<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34344>. Acesso em 22 Abr. 2024

ORLANDI, Eni Pucinelli. A Análise do discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos Linguísticos**, nº 42, p. 21-40, jan-jun, 2002.

OLIVEIRA, GABI. O que é ancestralidade e o que ela pode nos ensinar sobre nós mesmos. *Díaspóra Black*. 2022. Disponível em:

<https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>. Acesso em: 16 maio 2022

PEREIRA, Alex Sandrelaino dos Santos & Pereira, Rosenilde Oliveira. Surdo-negro soteropolitano: uma pesquisa exploratória sobre a sua percepção de opressão e exclusão. **Revistas de Ciência da Educação**. Americana.V. 02, n. 29, p. 139-148, jun-dez 2013.

PERLIN, G. T.T. **Identidades surdas**. In: Skliar, C. (org). A Surdez um Olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre Mediação, 2013, p. 51-73.

PINTO, Vinícius Lacerda; PINTO, Andler Kimura. A Primeira Capital Farroupilha: gênese e evolução do espaço urbano de Piratini, RS, Brasil. In **12 encuentro de geógrafos de América Latina**. Caminando en una América Latina en transformación. Montevideo, Uruguay.3 al 7 de Abril de 2009.Disponível em:

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/243.pdf> Acesso em: 02 jan.2022.

RANGEL, Nelci. **Significado de humanidades**. Minas Gerais, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/humanidades> Acesso em: 27 jan.2023.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**. Volume 39. Número 3. Ano 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em: 9 Ago. 2023.

REDE RS PONTOS DE CULTURA. **Quem somos**. [s.d]. Disponível em: <http://pontosdeculturars.redelivre.org.br/mapa/ctg%20clareira-da-mata/>. Acesso em 21 jan.2023.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 14.708/2015**. Declara o município de Caçapava do Sul —Capital Gaúcha da Geodiversidade. Palácio Piratini. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-14708-2015-rio-grande-do-sul-declara-o-municipio-de-cacapava-do-sul-capital-gaucha-da-geodiversidade> Acesso em: 20 jan.2022. .

SANKOFA. In: **Itaú Cultural**. 2009. São Paulo. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/> Acesso em 22 jan.2024.

SANTOS, Giovana.; MARTINS, Carolina Lategé Kwamme; DE OLIVEIRA E SILVA, Francisca.; YOUNG, Juliana. Memória das águas: resgatando a história e mapeando as fontes de caçapava do sul/rs. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 13, n. 3, 16 nov. 2021.

SANTOS, Milton. O Retorno do território. In : SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs). **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p.15-20).

SANTOS, Zeni Xavier Siqueira. Políticas públicas de promoção de igualdade racial no município de Caçapava do Sul/RS: análise da situação socioeconômica da população negra do município (2000-2010). **Revista de direito da administração pública**. v. 1, n. 1, jan/jun, 2020, p. 138-161

SEYFERTH, Giralda. **A noção de raça no Brasil: ambiguidade e preceitos classificatórios** In Por que —raça!?: breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na antropologia. Maria Catarina Chitolina Zanini (organizadora). Santa Maria: ed. UFSM, 2007.

SPERONI, Aline. **As religiões afro-gaúchas**. Caxias do Sul: Fox Design, 2018.

SILVA, Karen Rosa Da; GOMES, Jéssica Teixeira ; CASTRO, Guilherme Ferronato de; ALVES, Camila Pereira; MACHADO, Sofia Hein; SILVEIRA, Raquel da Silva. **Extensão Universitária e o enfrentamento ao Racismo e ao Capacitismo**. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). 2021..Disponível em <http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index> Acesso em: 31 jul. 2023

SILVA, Lilian Soares da. Identidades subtraídas: grupos étnicos raciais na formação dos territórios negros gaúchos. **RIHGRGS**. Porto Alegre. N. 161, p. 103-123, dezembro de 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/111562>. Acesso em: 9 Ago. 2023

UNESCO, **Caçapava Geoparque**. [s.d]. Disponível em: <https://geoparquecacapava.com.br/> Acesso em 22 fev.2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró Reitoria de Extensão. Geoparque Caçapava Aspirante UNESCO. Disponível em: <https://www.ufsm.br/próreitorias/pró/geoparque-cacapava/> Acesso em: 20 jan. 2022.

VEDOATO , Sandra Cristina Malzinoti . **Relações entre Surdez, Raça e Gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, 2015. Disponível em: https://www.uel.br/pos/ppedu/images/stories/downloads/dissertacoes/2015/2015_-_VEDOATO_Sandra_Cristina_Malzinoti.pdf. Acesso em: 9 Ago. 2023.

VELOSO, Altay. **Defesa do Alabê de Jerusalém**. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em <https://youtu.be/p5l-D4CEr-w> Acesso em: 13 jul. 2021.

VENTURA, Luiz Alexandre Souza. Vencer Limites: Resultado do Censo 2022 sobre pessoas com deficiência só deve sair no último trimestre de 2024. **Estadão**. São Paulo, 12 jan, 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/resultado-do-censo-2022-sobre-pessoas-com-deficiencia-so-deve-sair-no-ultimo-trimestre-de-2024/#:~:text=N%C3%A3o%20houve%20Censo%20em%202020,milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20com%20defici%C3%Aancia>. Acesso em 11, abr, 2024.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970):** Geografia-história da presença negra no espaço urbano. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR- RS,2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>. Acesso em: 9 Ago. 2023

VIEIRA JUNIOR, Herval de Souza. **Percorso da Presença Negra em Caçapava do Sul.** Universidade Federal do Pampa. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Ação de extensão registro 03.013.20. Caçapava do Sul, 16 out.2020 a 26 fev. 2021.